



Universidade de Brasília
Instituto de Letras - IL
Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução – LET
Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação

RENAN FERREIRA COSTA

A IMPORTÂNCIA DE INTERCÂMBIOS ACADÊMICOS PARA POTENCIALIZAR O
SOFT POWER DE UM PAÍS

BRASÍLIA
2019

RENAN FERREIRA COSTA

A IMPORTÂNCIA DE INTERCÂMBIOS ACADÊMICOS PARA POTENCIALIZAR O
SOFT POWER DE UM PAÍS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade de Brasília como exigência parcial
para a obtenção de título de bacharel em
Línguas Estrangeiras Aplicadas ao
Multilinguismo e à Sociedade da Informação.

Orientadora: Claudine Marie Jeanne Franchon
Cabrera Ordonez

RENAN FERREIRA COSTA

A IMPORTÂNCIA DE INTERCÂMBIOS ACADÊMICOS PARA POTENCIALIZAR O
SOFT POWER DE UM PAÍS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade de Brasília como exigência parcial
para a obtenção de título de bacharel em
Línguas Estrangeiras Aplicadas ao
Multilinguismo e à Sociedade da Informação.

Orientadora: Profa. Dra. Claudine Marie Jeanne
Franchon Cabrera Ordonez

Brasília: _____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Claudine Marie Jeanne Franchon Cabrera Ordonez
Depto. de Línguas Estrangeiras e Tradução – LET/UnB

Profa. Dra. Fernanda Alencar Pereira
Depto. de Línguas Estrangeiras e Tradução – LET/UnB

Prof. Dr. Thiago Blanch Pires
Depto. de Línguas Estrangeiras e Tradução – LET/UnB

AGRADECIMENTOS

Tenho muitas pessoas para agradecer e sou extremamente grato por todas elas, pois não se pode chegar ao fim de um curso na UnB sozinho, e são essas pessoas que te ajudam, te ensinam e te dão força para poder aguentar tudo isso.

Primeiramente quero agradecer a minha orientadora Claudine Franchon, que quando solicitei sua orientação um semestre antes, aceitou de prontidão e me ajudou e ensinou muito, e ainda porque começamos este trabalho antes mesmo das aulas na universidade começar. Quero agradecer ainda aos professores Thiago Blanch e Fernanda Pereira, que é com quem aprendi sobre o tema deste trabalho, que aceitaram participar da banca, bem como vários outros professores que me ensinaram muito durante todo esse período.

Devo agradecer minha família, especialmente minha mãe Silvana Gomes e meu pai Francis de Assis, que sempre estão comigo e me apoiam em minhas decisões. Isso aqui é para vocês!

Agradeço muito aos meus amigos e colegas de curso, Anna Furtado, Janaína Madeiro, Augusto Velloso, Jeferson e Anahy Duarte, que foram as pessoas com quem estudei, me diverti e que me ajudaram muito a passa por tudo isso.

Também sou muito grato aos meus amigos, João Henrique, João Pedro, Frederico Milhomem, Diegue Henrique, Matheus Alimura, Pedro Henrique, Romário Victor, Michael Silva e Pedro Augusto, que sempre me ajudam, me incentivam, me suportam e ainda me ajudaram na elaboração deste trabalho.

Devo agradecer ainda aos meus amigos e companheiros de trabalho, Daniel Pereira Peres, Isabella Silva, Clarissa Martins e Rodrigo Gadelha, que me ajudaram muito, sempre lendo, sugerindo e corrigindo tudo o que eu fazia deste trabalho, e ainda me ajudaram muito com relação as normas da ABNT e formatação, que eu não sabia muita coisa.

Sou muito grato a todos vocês por tudo o que representam e pelo que fazem por mim!

A IMPORTÂNCIA DE INTERCÂMBIOS ACADÊMICOS PARA POTENCIALIZAR O SOFT POWER DE UM PAÍS¹

Renan Ferreira Costa²

Resumo: O conceito de *Soft Power*, criado por Joseph Nye (1990), diz respeito à forma como um país pode obter seus objetivos. Nessa concepção esse Estado não usa poder coercitivo, e sim, persuasão, buscando moldar a preferência dos outros, para que queiram a mesma coisa. O *Soft Power* tem a capacidade de melhorar a imagem e as relações diplomáticas com outros países, e uma forma extremamente importante para tal é por meio de intercâmbios acadêmicos, que resulta em benefícios para todos os agentes envolvidos. Para comprovar a importância e os resultados provenientes dessa prática foram realizadas entrevistas com representantes de cinco países europeus. A partir dos resultados obtidos em relação ao *Soft Power*, este trabalho demonstra os impactos que o *Soft Power* pode ter sobre a noção de Cidade Global, que se refere ao papel e importância de determinada cidade a nível global.

Palavras chaves: *Soft Power*, poder brando; intercâmbios acadêmicos; Cidade Global

¹ Trabalho de Conclusão de Curso orientado por Claudine Franchon, professora e adjunta do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília - LET /UnB. E-mail: claudine_unb@yahoo.fr

² Graduando do bacharelado de Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação – LEA/MSI –, da Universidade de Brasília – UnB. E-mail: renanferreira@gmail.com

THE IMPORTANCE OF ACADEMIC EXCHANGES TO ENHANCE A COUNTRY'S SOFT POWER

Abstract: The concept of Soft Power, created by Joseph Nye (1990), concerns how a country can achieve its objectives. In this conception that State does not use coercive power, but rather, persuasion, seeking to shape the preference of others, so that they want the same things . Soft Power has the ability to enhance the image and diplomatic relations with other countries, and an extremely important way to do this is through academic exchanges, which results in benefits for all involved actors. In order to prove the importance and the results of this practice interviews with representatives of five European countries were carried out. From the results obtained in relation to this power, this work demonstrates and relates the impacts that Soft Power can have on the notion of Global City, which refers to the role and importance of this city worldwide.

Keywords: Soft Power; academic exchanges; Global Cities

L'IMPORTANCE DES ÉCHANGES ACADÉMIQUES POUR RENFORCER LE *SOFT POWER* D'UN PAYS

Résumé: Le concept de Soft Power, créé par Joseph Nye (1990), concerne la manière dont un pays peut atteindre ses objectifs. Dans cette conception, cet État n'utilise pas le pouvoir coercitif, mais plutôt la persuasion, cherchant à définir la préférence des autres. Soft Power a la capacité d'améliorer l'image et les relations diplomatiques avec les autres pays. Pour ce faire, les échanges universitaires constituent un moyen extrêmement important d'obtenir des avantages pour tous les acteurs concernés. Afin de prouver l'importance et les résultats de cette pratique, des entretiens ont été réalisés avec des représentants de cinq pays européens. À partir des résultats obtenus par rapport à ce pouvoir, ce travail démontre et relie les impacts que Soft Power peut avoir sur la notion de ville globale, qui fait référence au rôle et à l'importance de cette ville dans le monde entier.

Mots-clés: *Soft Power; échanges académiques; Villes Globales*

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Subíndices e pesos para mensurar o Soft Power	20
Figura 2 Site oficial da Embaixada da Alemanha	26
Figura 3 Site oficial da embaixada da Bélgica.....	27
Figura 4 Site oficial da Aliança Francesa de Basília.....	27
Figura 5 Site oficial da embaixada da Suíça	28
Figura 6 Site oficial da embaixada da Polônia em Brasília	28
Gráfico 1 - Gráfico sobre o aumento e os principais destinos para estudantes em intercâmbios	33
Gráfico 2 - Evolução da quantidade de estudantes chineses no exterior	34
Gráfico 3 - Evolução do PIB chinês.....	35
Tabela 1 - Dados utilizados e suas fontes para elaboração do Ranking	21

Sumário

1	INTRODUÇÃO.....	10
1	PODER.....	12
1.1	Definição de Poder.....	12
1.2	Emergência do conceito de <i>Soft Power</i>	14
1.3	Intercâmbios acadêmicos e <i>Soft Power</i>	17
1.4	Definição do conceito de Cidade Global.....	22
1.5	Relação entre Cidade Global e <i>Soft Power</i>	24
2	COLETA DE DADOS.....	25
2.1	Âmbito da pesquisa.....	25
2.2	Guia para as entrevistas.....	25
3	ANÁLISE DE DADOS.....	29
3.1	Análise qualitativa das entrevistas.....	29
3.2	Argumentação dos diplomatas quanto ao <i>Soft Power</i> e Cidade Global.....	39
4	CONCLUSÃO	41
5	ANEXO 1	43
6	ANEXO 2 - TRANSCRIÇÕES	44
6.1	Questionário	44
7	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	51

1 INTRODUÇÃO

O conceito de poder evoluiu muito durante os séculos, passando por vários teóricos de diferentes áreas, tais como: Nicolau Maquiavel, Thomas Hobbes, Max Weber, Hannah Arendt, tendo diferentes abordagens em contextos filosóficos e sociológicos, até chegar em Joseph Nye, que é um cientista político, muito importante nos estudos das relações internacionais, cujos conceitos, definições e aplicações foram utilizados nesta obra.

Joseph S. Nye Jr. é o principal teórico no que diz respeito às ideias de poder, sua origem e como empregá-las, sendo extremamente importante no estudo das Relações Internacionais, pois é o criador daquele que é hoje considerado por muitos especialistas um dos conceitos mais importantes do mundo, o *Soft Power*.

As obras deste teórico tratam sobre os efeitos da globalização, da cooperação internacional e da conservação do poder dos Estados Unidos em escala global. E foi em 1990, em seu livro “Bound to Lead”, que o autor apresentou o conceito de poder e como utilizá-lo, propondo uma nova percepção sobre o tema, que considere aspectos além dos recursos materiais (população, território, PIB e forças armadas), introduzindo então o *Soft Power* e o *Hard Power*³, sendo o primeiro o principal conceito discutido neste trabalho.

A proposta deste cientista político em relação ao *Soft Power* que é “a habilidade de atração e persuasão de uma nação” (NYE – 2004 – Trad. livre), traz uma nova perspectiva acerca da maneira como os Estados Unidos exercem seu poder. Para o autor, esse país deveria adotar um novo posicionamento em sua atuação internacional, deixando de aplicar táticas que envolvam força militar, ameaças, coerção e outros meios violentos (*Hard Power*), pois, segundo o diplomata britânico Robert Cooper “Grande parte dos Estados mais poderosos já não quer lutar ou conquistar” (NYE – 2002 – Trad. livre), mas sim procuram o *Soft Power*, pois o poder brando deriva da “atratividade de sua cultura, ideais políticos e políticas” (NYE – 2004 – Trad. livre) de determinado Estado.

Apesar do fato de que Nye, em “The means to success in world politics”, considere apenas esses aspectos concernentes ao *Soft Power* (atratividade cultural, ideais políticos e políticas), o site “Soft Power 30”, do autor Jonathan Mcclory –

³ Força por meio de recursos coercitivos

especialista em *Soft Power*, diplomacia pública e relações culturais – estabelece um ranking com os 30 (trinta) países com maior influência em *Soft Power* no mundo em que são analisados seis sub-índices: governo, cultura, engajamento, educação, digital e empreendedorismo (Trad. Livre).

O foco deste trabalho é o sub-índice educação, especificamente no que diz respeito à educação superior, pois, segundo Jonathan McClory, “a habilidade de um país em atrair estudantes [ou acadêmicos], ou facilitar intercâmbios, é uma poderosa ferramenta da diplomacia pública, mesmo entre países com histórico de animosidade (como é o caso de EUA e Rússia) . De acordo com “The Soft Power 30 Report 2018”, do mesmo autor, “pesquisas anteriores sobre intercâmbios educacionais fornecem evidências empíricas a respeito dos ganhos de reputação que se acumulam em um país anfitrião quando estudantes estrangeiros voltam para casa” (2018, pag. 21 – trad. livre)⁴.

Além disso, a partir das definições e aplicações do *Soft Power*, este trabalho relaciona também possíveis vínculos entre esse poder e a noção de Cidade Global, conceito criado por Saskia Sassen, que diz respeito sobre o papel que uma cidade tem na economia global. Cidades Globais são centros de inovação e atividade comercial, e essas cidades são avaliadas de diferentes maneiras, de acordo com sua função no cenário global. Cabe destacar que para ser considerada uma Cidade Global, um centro urbano deve provar que possui vantagem a níveis globais sobre outras e que é importante dentro do sistema econômico global. A forma como as Cidades Globais eram avaliadas evoluiu durante os anos, não sendo mais classificadas apenas pelo seu tamanho, mas também por muitos outros parâmetros, tais como: atividade econômica, capital humano, trocas de informações, experiência cultural e engajamento político.

O objetivo geral deste estudo é analisar a influência que alguns países (Alemanha, Bélgica, França, Suíça e Polônia) exercem através de políticas e práticas de atração de discentes para seus Estados. Além disso, verificar a importância do *Soft Power* para esses países e mostrar ainda, como esses Estados desenvolvem e fazem uso dessa prática. A partir disso, relacionar o *Soft Power* com a noção de Cidade Global e expressar as possíveis vantagens que os intercâmbios

⁴ “Prior research on educational exchanges gives empirical evidence for the reputational gains that accrue to a host country when foreign students return home”.

estudantis podem oferecer para essas nações e para o desenvolvimento de suas cidades.

Este trabalho está estruturado em três partes. A primeira aborda a conceituação o desenvolvimento histórico do conceito de poder, apresentando sua evolução e definição na visão de diferentes teóricos até chegar à interpretação de Joseph Nye, criador do conceito de *Soft Power*, objeto de estudo deste trabalho. Nesta parte, serão abordadas as relações entre esse poder e os intercâmbios acadêmicos. Será introduzido, também, o conceito de Cidade Global, relacionando-o ao *Soft Power*.

A segunda parte versa sobre a coleta de dados, em que foram realizadas entrevistas cujos resultados serão explorados neste trabalho. Será relatado com quem e como essas entrevistas aconteceram.

A terceira parte analisa os dados obtidos na coleta de dados, relacionando os resultados alcançados nas entrevistas com os conceitos de *Soft Power* e Cidade Global, com o intuito de comprovar a importância do *Soft Power* para a melhoria das relações diplomáticas e o desenvolvimento econômico e cultural dos países.

1 PODER

1.1 Definição de Poder

Antes de ir direto para o conceito contemporâneo a ser tratado neste trabalho, faz-se necessário apresentar uma abordagem histórica dos conceitos e da evolução do pensamento acerca do poder. Portanto, os próximos parágrafos trarão esta abordagem.

Primeiramente é importante partir da pergunta básica, “O que é poder?”, pois essa é uma questão que sempre fez parte da vida humana. Ao longo da história, várias definições foram criadas. Uma das mais famosas foi a de Max Weber, que define poder “como cada chance de impor, dentro de uma relação social, a vontade própria mesmo contra relutância, não importando em que essa chance se baseia” (Weber, *apud HERB, 2013*). Essa definição é uma das mais significativas e dela se pode inferir que o poder tem relação com a imposição de um agente mais forte e poderoso sobre um inferior ou mais fraco. Assim como ocorre na visão de Nicolau

Maquiavel, que, em sua obra “O príncipe”, trata o poder, no contexto político, assim como neste trabalho, como uma correlação de forças em que há domínio e opressão, por parte dos mais poderosos, e desejo de liberdade, por parte de quem sofre essa opressão, o povo; esta dinâmica compõe as relações sociais.

Para Thomas Hobbes, alguém deve deter um poder maior sobre os demais, pois “se todos possuem o poder igual, então ele não significa nada” (Hobbes, *apud HERB, 2013*). Para este teórico o Estado, que é quem possui o poder absoluto, possibilita a autopreservação individual e a paz social. Assim, o poder tem um propósito positivo (HERB, K, 2013). Por outro lado, Hanna Arendt vislumbra alternativas de poder que não são decorrentes de domínio. Ela sugere a adoção da concepção greco-romana de um poder não derivado da violência, mas consequência do consenso. “Poder, portanto, é consentimento e sua extrema forma se dá na consígnia ‘todos contra um’, enquanto a violência se assentaria no ‘Um contra todos’. O Poder é um fenômeno que resulta do agir conjunto” (ARENDR, *apud MORAES, 2013, p. 208*).

Dando sequência à diversidade de conceitos, adveio o de Joseph Nye Jr., cientista político norte-americano muito importante nos estudos das Relações Internacionais, que define poder como “a habilidade de afetar os outros para conseguir as coisas que você quer” (2011). De acordo com o autor, pode-se fazer isso de três maneiras: “usar coerção, usar pagamento, ou usar a persuasão”⁵. Segundo Nye, a forma como o “poder é empregado na política internacional e nos assuntos militares está em mudança devido à revolução da informação e da globalização” (2011).

Conforme Nye aduz em *Soft power : the means to success in world politics* pode-se conseguir os objetivos desejados afetando o comportamento dos outros, sem comandá-los” e “é possível obter muitos resultados desejados sem ter muito poder tangível sobre os outros”⁶. Porém, “políticos práticos e pessoas comuns frequentemente acham essas questões de comportamento e motivação muito

⁵“Power is the ability to affect others to get the things you want” / “you can use coercion, sticks; you can use payments, carrots; or you can use attraction and persuasion” / shifts in how power is used in international politics and world affairs. These shifts, which are the result of the information revolution and globalization (NYE, 2011, p. 46) – Tradução livre

⁶“It is possible to get many desired outcomes without having much tangible power over others” / “the possession of capabilities or resources that can influence outcomes” / “large population and territory, extensive natural resources, economic strength, military force, and social stability” (NYE, 2004, pags. 2 e 3) – Tradução livre

complicadas” e passam a utilizar outra definição de poder, definida como “a posse de capacidades ou recursos que podem influenciar os resultados”. Dessa forma um país é considerado forte se houver “grande população e território, extensos recursos naturais, força econômica, força militar e estabilidade social”, assim esse poder parece mais concreto, mensurável e previsível pois antigamente, recursos de poder internacional eram mais fáceis de acessar e a prova de poder internacional era a força de guerra (NYE 2004).

Entretanto, Nye afirma que mesmo tendo mais recursos, nem sempre se alcança os objetivos desejados, cita os EUA como exemplo, no caso da guerra do Vietnã, na qual eles eram mais fortes e ainda assim perderam, e que, apesar de serem uma superpotência não foram capazes de evitar os ataques de 11 de setembro de 2001 (NYE, 2004).

Consoante Nye, a revolução da informação está mudando a noção de mercados, não se limitando mais somente a espaços geográficos, mas tornaram-se verdadeiras redes globais. O autor utiliza-se ainda do pensamento de outro teórico, Daniel Bell, ao afirmar que se este estiver certo “os indicadores de poder apropriados hoje estão relacionados à fabricação e aos serviços nas indústrias da informação”⁷ (1990). Ademais, o diplomata britânico Robert Cooper afirma que “grande parte dos Estados mais poderosos já não quer lutar ou conquistar”⁸ (2002) e que as guerras são muito menos aceitas agora do que eram antes. Em adição, Nye argui que o emprego da força militar compromete os objetivos econômicos dos Estados, e que esse poder se tornou mais importante que no passado por conta dos elevados custos que a força requer.

1.2 Emergência do conceito de *Soft Power*

Em decorrência dessa mudança da forma como o poder deve ser empregado, Nye (2002) aduz que se os EUA pretendem continuar fortes eles devem prestar atenção ao *Soft Power*, que ele define como a habilidade de conseguir o que se deseja por meio da atração ao invés de por meio da coerção ou do pagamento, e

⁷“appropriate indicators of power today are related to manufacturing and services in the information industries” (NYE, 1990) – Tradução livre

⁸“A large number of the most powerful states no longer want to fight or to conquer” (NYE, 2002, pag. 6)

que esse poder deriva da atratividade da cultura, ideais políticos e política de um país (NYE, 2004). Quando se consegue fazer com que outros admirem seus ideais e queiram o que você almeja, não será preciso muito esforço para alcançar seus objetivos, de acordo com este estudioso. Em seguida afirma que “sedução sempre é mais efetiva que coerção, e que muitos valores como democracia, direitos humanos e oportunidades individuais são profundamente sedutores”⁹.

Dessa forma, um país pode alcançar seus objetivos na política porque outros Estados querem segui-lo, admirando seus valores, seguindo seus exemplos e aspirando a seu nível de prosperidade e abertura (NYE, 2004). O autor ainda reforça o *Soft Power* como “fazer com que os outros queiram o que você quer”, sendo assim, uma maneira indireta de alcançar seus objetivos, que ele considera como “a outra face do poder” (NYE, 2002) que se baseia “na habilidade de moldar a preferência dos outros”.

O autor afirma ainda que *Soft Power* não é exatamente o mesmo que influência, pois ela também é empregada em ameaças e pagamentos, e que *Poder Brando* é mais que somente persuasão ou habilidade de mover pessoas por argumentos. Essa é sem dúvida uma parte importante do conceito, mas outra parte importante é a habilidade de atrair, e atração geralmente leva ao consentimento. Mais precisamente, *Soft Power* é o poder de atratividade (NYE, 2004).

Como forma de demonstração, Nye afirma que no mundo dos negócios, os executivos inteligentes sabem que liderança não é só uma questão de comando, mas também envolve liderança através de exemplos, atraindo os outros para o que eles querem (NYE, 2004 p. 5).

Com isso, líderes políticos entendem que o poder deriva da atração, e assim, se você consegue fazer com que as pessoas queiram o que você quer, não será necessário pagamento algum (NYE, 2004) e ainda, se esse líder político representar os valores que os outros querem, custará menos para liderar.

Além do *Soft Power*, esse teórico ainda criou outros conceitos importantes relacionados ao poder, que são o *Hard Power* e o *Smart Power*, sendo o primeiro o contrário do Poder Brando, pois se baseia no uso da força militar, coerção, ameaça e pagamento, poder esse, que deve entrar cada vez mais em desuso, e o segundo

⁹“Seduction is always more effective than coercion, and many values like democracy, human rights, and individual opportunities are deeply seductive” / “getting others to want the outcomes that you want” / “the second face of power” / “the ability to shape the preferences of others” (NYE, 2004) - Tradução livre

que seria a combinação dessas duas formas de poder, Soft e Hard, pois de acordo com o autor, em alguns casos, somente uma dessas estratégias podem não ser tão eficazes sozinhas.

A partir de toda a parte teórica, o autor traz uma abordagem sobre os três recursos dos quais, segundo ele, o *Soft Power* depende, que são: “cultura (em lugares onde ela é atraente para os outros), seus valores políticos (quando isso lhes dá vida no país e no exterior) e suas políticas externas (quando elas são vistas como legítimas e com autoridade moral)”¹⁰.

Os valores políticos no país de origem e fora dele são tidos pelo autor como uma potencial fonte de poder. Ele dá alguns exemplos de como este pode ser afetado por essas políticas. De acordo com este cientista político, a segregação racial prejudicou o *Soft Power* americano na África, assim como a pena de morte e fracas leis de controle de armas prejudicam esse poder na Europa.

As políticas externas também têm, segundo o autor, capacidade de afetar o *Soft Power* de um país. Ele novamente ilustra isso com exemplos, como no caso das políticas de direitos humanos de Jimmy Carter e nos esforços do governo estadunidense, nas administrações de Reagan e Clinton, com os estímulos para promover a democracia.

A cultura é, de acordo com este especialista,

o conjunto de valores e práticas que criam significado para a sociedade, e que pode ser distinguida entre alta cultura, como literatura, arte e educação, que atrai as elites, e cultura popular, que foca no entretenimento de massa (NYE, 2004)

Recurso este, muito importante para atrair a atenção de outras pessoas, sendo um ponto em que muita gente se identifica, que é crucial para atrair pessoas de outros lugares, tanto para turismo quanto para estudar ou trabalhar em outra país.

¹⁰“its culture (in places where it is attractive to others), its political values (when it lives up to them at home and abroad), and its foreign policies (when they are seen as legitimate and having moral authority.)” / the set of values and practices that create meaning for a society. It has many manifestations. It is common to distinguish between high culture such as literature, art and education, which appeals to elites, and popular culture, which focuses on mass entertainment / Academic and scientific exchanges played a significant role in enhancing American soft power / It was a former French foreign minister who observed that the Americans are powerful because they can "inspire the dreams and desires of others, thanks to the mastery of global images through film and television and because, for these same reasons, large numbers of students from other countries come to the United States to finish their studies (NYE, 2004 pag. 45) – Tradução livre

1.3 Intercâmbios acadêmicos e *Soft Power*

Este trabalho enfoca a educação, mais precisamente no que se refere aos intercâmbios de estudantes, pois, consoante Nye, “intercâmbios acadêmicos e científicos têm um importante papel no aprimoramento do *Soft Power* americano”, e as ideias e valores que a América exporta na mente de mais de meio milhão de estudantes estrangeiros que estudam todos os anos em universidades americanas e retornam aos seus países de origem tendem a alcançar as elites com poder. Uma forma de comprovar a importância desses intercâmbios pode ser observada na declaração de um Ministro das Relações Exteriores da França que observou que:

os EUA são poderosos pois eles conseguem ‘inspirar os sonhos e desejos dos outros, graças ao domínio das imagens globais através do cinema e da televisão e porque, por essas mesmas razões, um grande número de estudantes de outros países vêm para os Estados Unidos para terminar seus estudos (NYE, 2004 p. 8).

Ademais, os filhos de líderes chineses que se formaram nos Estados Unidos apresentaram uma visão mais realista dos EUA, ao contrário do que era mostrado pelas propagandas oficiais chinesas. Além disso, uma questão importante para persuadir o presidente Musharraf do Paquistão a mudar suas políticas e apoiar mais as medidas americanas no Afeganistão foi o fato de que ele pôde ouvir seu filho, que trabalhava em Boston.

De acordo com Carol L. Atkinson¹¹, historicamente, governantes defendiam programas de intercâmbio educacional como forma de ganhar influência e moldar o comportamento político internacional. Consoante a autora, o ex-general da KGB Oleg Kalugin, que estudou por um ano em intercâmbio na Universidade de Columbia em 1958 - 1959 reconheceu a importância desses programas em arruinar o ideológico do sistema comunista soviético, afirmando que:

os intercâmbios eram um cavalo de Tróia na União Soviética. Eles desempenharam um papel enorme na erosão do sistema soviético, abriram uma sociedade fechada, influenciaram muito os jovens que viam o mundo com os olhos mais abertos, e continuaram infectando mais e mais pessoas

¹¹Ph.D. em Ciência Política pela Universidade Duke, e atualmente é professora assistente no Departamento de ciência política da Universidade Vanderbilt.

ao longo dos anos¹² (KALUGIN, *apud* ATKINSON, 2010, p. 3).

Em sua obra, Atkinson afirma que uma pesquisa mostra que estudantes que fizeram intercâmbios voltam para seu país com uma visão mais positiva sobre o país no qual estudou e sobre as pessoas com quem conviveu, e que geralmente buscam aplicar seu conhecimento adquirido fora, em seu Estado. Em adição, aduziu que os intercâmbios universitários promovem uma atitude mais positiva em relação aos Estados Unidos, além de melhorar a comunicação internacional que pode indiretamente reforçar a democracia, valores e orientações dos participantes do programa. Esses programas servem ainda como uma efetiva forma de disseminação de ideais democráticos.

Em consonância John Dubber¹³ em seu artigo “How soft power can help meet international challenges” (2015) reforça as formas como o Soft Power ajuda o Reino Unido. Uma delas é que com os programas de cooperação de pesquisa, os laços culturais e educacionais melhoram as relações do Reino Unido com os futuros líderes mundiais. Isso se mostra evidente, pois, um a cada sete líderes mundiais atuais estudaram neste país, com enormes benefícios potenciais para a influência do Reino Unido, isso, graças à crescentes redes profissionais e sociais, que envolvem milhões de alunos e professores. Em sua pesquisa, Dubber identificou a educação, qualidade das universidades e programas em colaboração com outros países como parte fundamental para o fortalecimento do Soft Power britânico. Como relatado pelo autor, uma pesquisa da *Chatham House* identificou a cultura, educação e língua como fatores que fazem parte da reputação do Reino Unido nos outros países.

Patti McGill Peterson¹⁴ afirma que o ensino superior é um veículo ideal para o Soft Power, e os EUA utilizam o programa Fulbright para promover a diplomacia através desse ensino, com objetivo de promover a compreensão mútua entre povos

¹²“Exchanges were a Trojan Horse in the Soviet Union. They played a tremendous role in the erosion of the Soviet system. They opened up a closed society. They greatly influenced younger people who saw the world with more open eyes, and they kept infecting more and more people over the years” (KALUGIN, *apud* ATKINSON, 2010, p. 3)

¹³Chefe de Política e Relações Externas do Conselho Britânico, especialista em soft power, diplomacia pública, relações culturais e branding. Baseado em Cingapura, ele é Gerente Geral de Portland para a Ásia. Ele aconselhou clientes do governo sênior no Reino Unido, Europa e Ásia sobre reputação, política e engajamento global efetivo.

¹⁴Conselheira presidencial para internacionalização e engajamento global do American Council on Education, Washington DC.

e nações. Esse programa postula ser a maior plataforma de troca de estudantes do mundo, sendo citado por autoridades do governo como um dos grandes patrimônios diplomáticos desse país. Por meio desse programa cidadãos e líderes mundiais declaram familiaridade e afeição pelos Estados Unidos, “um resultado que gera boa vontade em relação aos EUA no exterior” (Peterson, 2014), assim como Dubber aduziu, com relação ao Reino Unido. Peterson afirma que outros países vêm com bons olhos esse tipo de programa e buscam esse tipo de política para alcançar seus objetivos, como é o caso do Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (Deutscher Akademischer Austausch Dienst, DAAD), que também visa promover intercâmbios de alunos, este, porém, com menos abrangência que o programa estadunidense. A China também possui um programa semelhante, o Instituto Confúcio, que está presente em mais de 104 países e tem por objetivo, promover a língua e cultura chinesa no exterior, além de facilitar intercâmbios estudantis e acadêmicos para este país.

Em um acordo de diplomacia estudantil, intercâmbio, existem vantagens para ambas as partes, a que recebe alunos e a que envia, pois, segundo Peterson, instituições e governos de países bem desenvolvidos buscam receber estudantes de alunos de países em desenvolvimento por questões, dentre outras, financeiras, e as universidades menos desenvolvidas buscam alianças com as de mais prestígio para poderem aumentar suas chances de subir degraus nos rankings globais.

Algumas instituições têm por objetivo aumentar sua internacionalização, buscar acordos de cooperação que as definam como "instituições globais", com objetivo de:

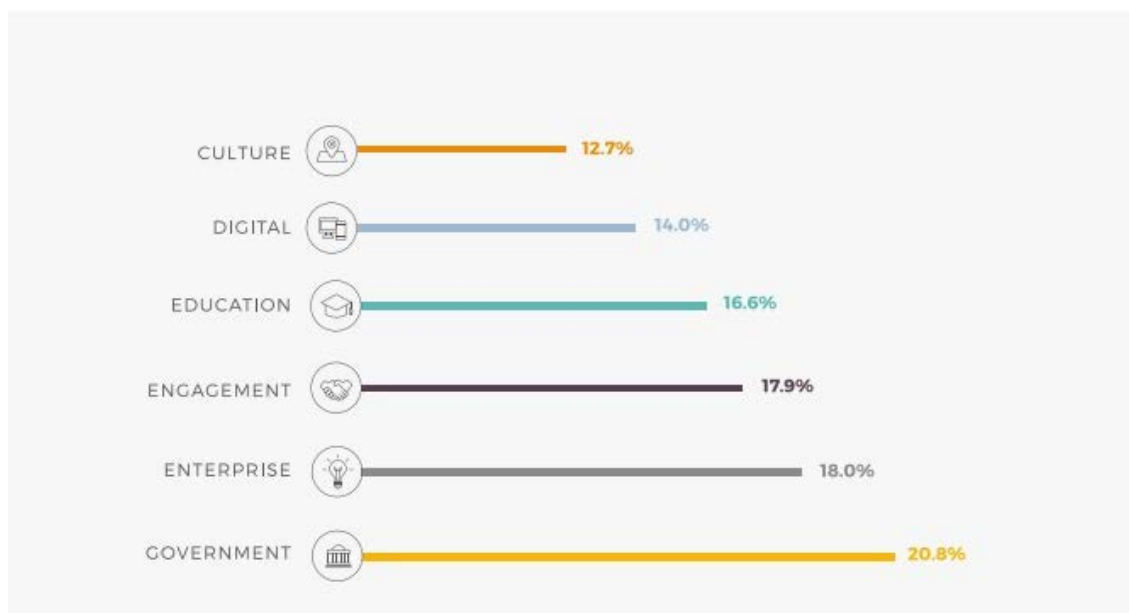
enriquecer seus programas acadêmicos, ampliar a base de conhecimento e a experiência de seus alunos, abrigar um corpo discente e docente mais diverso, proporcionar mais oportunidades para que seus professores se vinculem a redes internacionais de pesquisa, e, finalmente, para desenvolver um amplo espectro de atividade conjunta que irá beneficiar ambos os parceiros (Peterson, 2014).

Com o objetivo de tornar os aspectos concernentes ao *Soft Power* mensuráveis, Jonathan McClory desenvolve anualmente uma revista em que são analisados vários tópicos que fazem parte desse conceito, resultando em uma pontuação que resulta em ranking com os 30 países com maior *Soft Power* no mundo. Apesar de tratar de um assunto criado e amplamente usado por Joseph Nye,

Mcclory analisa mais questões a fim de poder mensurar o poder brando, que são: empreendimento; cultura; digital; governo; engajamento global e educação, este último, o foco deste trabalho, diferentemente de Nye, que levava em conta somente três questões, que são: atratividade cultural; ideais políticos e políticas, sendo que educação para esse autor estava incluído em cultura.

Ao levar em conta os seis subíndices acima mencionados, cada um desses tem um peso diferente para a métrica final, onde educação corresponde a 16.6%, como pode ser observado a seguir:

Figura 1 - Subíndices e pesos para mensurar o Soft Power



Fonte: <https://softpower30.com/wp-content/uploads/2018/07/The-Soft-Power-30-Report-2018.pdf>

De acordo com o autor, o tópico Educação deve ser considerado individualmente, não inserido na categoria “cultural”, como sugerido por Nye, devido a estudos que mostram o impacto do ensino superior no *Soft Power* de um país. Na primeira revista (2015), Mcclory mostra a importância da educação no *Soft Power* de um país ao afirmar que “a habilidade de um país em atrair estudantes [ou acadêmicos], ou facilitar intercâmbios, é uma poderosa ferramenta da diplomacia pública, mesmo entre países com histórico de animosidade”¹⁵ (como é o caso de EUA e Rússia) e que “pesquisas anteriores sobre intercâmbios educacionais

¹⁵The ability of a country to attract foreign students, or facilitate exchanges, is a powerful tool of public diplomacy, even between countries with a history of animosity / i Prior research on educational exchanges gives empirical evidence for the reputational gains that accrue to a host country when foreign students return home (Mcclory, J. The Soft Power 30, p. 21. 2015)

fornece evidências empíricas para os ganhos de reputação que se acumulam em um país anfitrião quando os estudantes estrangeiros voltam para casa” (2015).

Para McClory (2015), os intercâmbios de estudantes estrangeiros demonstram ter efeitos indiretos quando esses alunos voltam para seu país, e que esse subíndice ainda considera a contribuição dos países para bolsas de estudos globais, excelência pedagógica e para essas métricas estão incluídos o número de estudantes internacionais em um país, a qualidade relativa de suas universidades e a produção acadêmica de instituições de ensino superior. Em sua obra, o autor justifica que esse tópico foca fortemente no ensino superior e as contribuições internacionais das universidades. Nesse quesito os Estados Unidos estão em primeiro lugar no mundo, pois atraem mais estudantes internacionais que os próximos dois do ranking juntos e que possuem muitas universidades de alto padrão, de acordo com os rankings *QS Global University Rankings* e *Times Higher Education World University*. (2015)

Para que seja possível analisar os dados pertinentes ao tópico educação e chegar ao valor final, são considerados: média das pontuações de ciências, matemática e leitura (fonte: OECD, Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico); taxa de matrícula na educação superior bruta (fonte: *Pupil to Teacher Ratio*); número de principais universidades globais (fonte: *Times Higher Education – top 200*); número de artigos de periódicos científicos acadêmicos publicados (fonte: *World Bank*); número de estudantes estrangeiros em um país (fonte: *UNESCO Institute for Statistics*) e gastos em educação como porcentagem do PIB (fonte: *World Bank*), como demonstrado a seguir:

Tabela 1 - Dados utilizados e suas fontes para elaboração do Ranking

Education	
Average of OECD PISA science, maths and reading scores	OECD
Gross tertiary educational enrolment rate	Pupil to Teacher Ratio
Number of top global universities	Times Higher Education (top 200)
Number of academic science journal articles published	World Bank
Number of international students in the country	UNESCO Institute for Statistics
Spending on education as percentage of GDP	World Bank

Fonte: <https://softpower30.com/wp-content/uploads/2018/07/The-Soft-Power-30-Report-2018.pdf>

Para concluir este panorama teórico, mostra-se importante ressaltar a posição

de um líder de Estado quanto aos benefícios do *Soft Power* no campo educacional, de intercâmbios acadêmicos, o que evidencia que essa prática é importante não somente na teoria, mas seus resultados podem ser observados por seus representantes. Isso se torna possível a partir da análise do que foi afirmado durante a Semana da Educação Internacional, em Washington D.C., em 2001, em que o Secretário Colin L. Powell discursou sobre a importância dos intercâmbios educacionais, reconhecendo o papel da educação internacional e dos intercâmbios para fortalecer sua nação e as relações com outros países. Colin se mostrou orgulhoso pela alta qualidade das universidades estadunidenses, que atraem acadêmicos do mundo todo, e pelo fato de que esses acadêmicos estrangeiros enriquecem as comunidades estadunidenses com suas habilidades e aumentando a diversidade cultural do seu país, com mais conhecimento e com alguma afeição pelos EUA. Esse secretário afirmou que a amizade com os futuros líderes mundiais é o bem mais precioso para seu país. Com relação aos estudantes estadunidenses, arguiu sobre a importância de aprenderem outra língua, desenvolverem experiências culturais estrangeiras e uma ampla compreensão de questões globais. Aduziu, ainda, que a educação internacional prepara os cidadãos para viver, trabalhar e competir na economia global e promove a tolerância e a redução do conflito. Declarações como essas, de um líder de Estado, comprovam a importância de investimento em trocas de estudantes não apenas na teoria, mas também na prática, podendo aumentar o *Soft Power* do país.

1.4 Definição do conceito de Cidade Global

A partir da definição e exploração dos dados acerca do *Soft Power* e seus benefícios, surge uma hipótese de correlação deste conceito com a noção de Cidade Global, cuja concepção pertence a Saskia Sassen, em seu livro *The Global City: New York, London, Tokyo* (1991). A autora identifica o surgimento dessas cidades em decorrência da globalização, pois as atividades de produção estão espalhadas em uma base global. Essas redes de produção são complexas e globalizadas e requerem novas formas de financiamento e produção para gerenciá-las. Em decorrência desses serviços complexos, são necessárias habilidades especializadas para utilizá-las. Dessa forma, esses serviços estão sujeitos à

economia de aglomeração e tendem a se agrupar em algumas cidades específicas, assim, não estão somente no topo das hierarquias urbanas de seus países, mas são também pontos de comando de uma hierarquia urbana global.

Destarte, então, “uma cidade global é um ponto significativo de produção de serviços financeiros e de produtores especializados que fazem a economia globalizada funcionar”¹⁶ (RENN, 2012). Na mesma linha de pensamento, a revista estadunidense *Foreign Policy* sugere que as cidades globais podem moldar o mundo por meio de suas ideias e valores, e são, também, “locais de produção pós-industrial” em que as inovações em serviços e finanças corporativas têm sido parte integrante da recente reestruturação da economia mundial, hoje amplamente conhecida como globalização”¹⁷. Além disso, cada cidade pode ser pensada como global de acordo com o propósito desta, seja cultural, financeiro ou qualquer outro. A problemática, então, é acerca de identificar essas cidades e determinar em que medida elas funcionam especificamente como cidades globais. A partir dessa necessidade de reconhecer e avaliar a capacidade dessas cidades em serem globais, em 2008 a revista americana *Foreign Policy*, em conjunto com a empresa de consultoria A. T. Kearney e o *Chicago Council on Global Affairs*, publicou um ranking de cidades globais, com base em consultas com Saskia Sassen, Witold Rybczynski e outros. A partir da junção desses três atores para desenvolver essa avaliação, a *Foreign Policy* identificou que “as maiores e mais interconectadas cidades do mundo ajudam a estabelecer agendas globais, enfrentar os perigos transnacionais e servem como centros de integração global. Elas são os motores do crescimento de seus países e as portas de entrada para os recursos de suas regiões”¹⁸.

Para elaborar um cômputo sobre a capacidade das cidades em serem globais, o “*Global Cities Index ranks cities*” utiliza 24 métricas em cinco dimensões, que são: atividade empresarial, capital humano, troca de informações, experiência cultural e engajamento político.

¹⁶ “a global city is a significant production point of specialized financial and producer services that make the globalized economy run” (Renn. A. What is a global city?, 2012).

¹⁷ “we treat world cities as particular ‘postindustrial production sites’ where innovations in corporate services and finance have been integral to the recent restructuring of the world-economy now widely known as globalization” (Renn. A, *apud* Beaverstock, J. , Smith, R. e Taylor, P., 2012)

¹⁸ “the world’s biggest, most interconnected cities help set global agendas, weather transnational dangers, and serve as the hubs of global integration. They are the engines of growth for their countries and the gateways to the resources of their regions” (Amburn, B. “The 2008 Global Cities Index”, *Foreign Policy*. 2009)

1.5 Relação entre Cidade Global e *Soft Power*

A partir dos atributos avaliados para avaliar a aptidão de uma cidade, acima mencionados, este trabalho buscou associar esses dois conceitos, pois questões pertinentes ao *Soft Power* podem ser encontradas em algumas das dimensões de avaliação, tais como “capital humano”, pois, de acordo com a edição de 2008 da revista analisada, esse ponto em questão relaciona-se com a capacidade de uma cidade em atrair pessoas de diversos grupos, além da quantidade da população imigrante, número de escolas internacionais e a porcentagem de residentes com diplomas universitários.

Além desses fatores, a empresa americana de consultoria A.T. Kearney, que trabalha em conjunto com a revista em questão, identificou que a cidade de Boston aumentou seu capital humano devido à qualidade de suas universidades, e a cidade australiana de Melbourne graças à sua população internacional estudantil. Desta maneira, possuindo caracteres em comum com a questão dos intercâmbios acadêmicos já mencionados. Ademais, outro fator avaliado pela revista é a “troca de informações”, em que estão incluídas questões tais como a disseminação de notícias e informações para o resto do mundo, o número de agências de notícias internacionais e a quantidade de notícias internacionais nos principais jornais locais, fatores esses que podem sofrer interferência de uma grande comunidade estrangeira local, como no caso dos intercâmbios de alunos e pesquisadores que provêm de outro país.

O terceiro aspecto avaliado, “experiência cultural”, também sofre interferência dessa comunidade estrangeira. A revista baseia esse tópico na atração de novos residentes, estrangeiros e turistas internacionais, o que inclui eventos desde esportivos até artísticos.

O quarto aspecto, “engajamento político”, que mede o grau em que uma cidade influencia a formulação de políticas globais e o diálogo, baseado no exame de quantas embaixadas e consulados, organizações internacionais, e conferências políticas uma cidade recebe, podendo-se observar também uma relação direta com o resultado do *Soft Power*, que é poder de estar presente em outros países e ter voz ativa em políticas globais.

2 COLETA DE DADOS

2.1 Âmbito da pesquisa

Com intenção de provar que os resultados decorrentes da prática de intercâmbios acadêmicos entre países geram vantagens para esses Estados em matéria de *Soft Power*, foram realizadas entrevistas (questionário qualitativo) com representantes de cinco países europeus, Alemanha, Bélgica, França, Suíça e Polônia, realizadas em 22/05/2019, 15/05/2019, 24/05/2019, 29/05/2019 e 14/05/2019, respectivamente, a fim de verificar como eles entendem o conceito de *Soft Power* e como eles o aplicam em suas políticas educacionais internacionais.

Será que os benefícios do *Soft Power*, apresentados na primeira parte deste trabalho, permitem desenvolver uma política de influência poderosa? Quais são as vantagens dessa prática para esses países?

2.2 Guia para as entrevistas

Para responder tais perguntas, ocorreram entrevistas¹⁹ – realizadas em língua portuguesa – a partir de um questionário qualitativo com representantes dos países: Alemanha, Bélgica, França, Suíça e Polônia. Os diplomatas entrevistados foram: o Ministro Conselheiro de assuntos Científicos e Intercambio Acadêmico da Embaixada da Alemanha no Brasil (C.S.), a Primeira Secretária da Embaixada da Bélgica no Brasil (D.C.), o Diretor da Aliança Francesa de Brasília (M.B.), o ministro da embaixada da Suíça em Brasília (B.C.) e a encarregada de Negócios da embaixada da Polônia (M.O.). As entrevistas foram realizadas em suas respectivas embaixadas e na Aliança Francesa, no caso da França.

Para captar as respostas desses representantes, cujas respostas estão transcritas neste trabalho, foram gravados os áudios por meio de um gravador de voz, e, no caso da Alemanha, as respostas foram entregues em um documento escrito, redigido pelo Ministro Conselheiro citado aqui, pois, o teor do encontro, contendo as perguntas, foi enviado antecipadamente por e-mail, pois em sua

¹⁹ Transcrições no anexo 1.

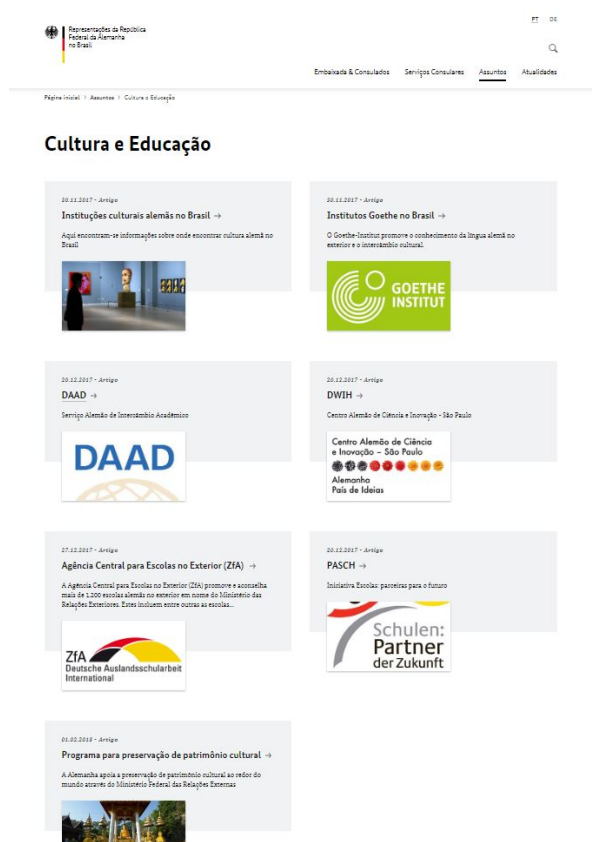
embaixada não é permitida a entrada com dispositivos eletrônicos.

Algumas dessas entrevistas se tornaram possíveis devido à presença em um evento, Café com Europa, realizado no Instituto Cervantes de Brasília, em que após essa conferência, foi possível apresentar o tema e solicitar uma entrevista. Outras entrevistas foram possíveis devido aos contatos da Professora Dra. Orientadora, que as requereu junto aos entrevistados. Além dos países tratados neste trabalho, houve também pedidos de entrevistas com representantes de outros países (Finlândia e Canadá), que não foram atendidas.

É importante fazer uma breve apresentação dos sites das embaixadas e Aliança Francesa onde ocorreram essas entrevistas, posto que nesses domínios se pode obter mais informações e contatos, inclusive sobre como conseguir intercâmbios para esses países.

Alemanha:

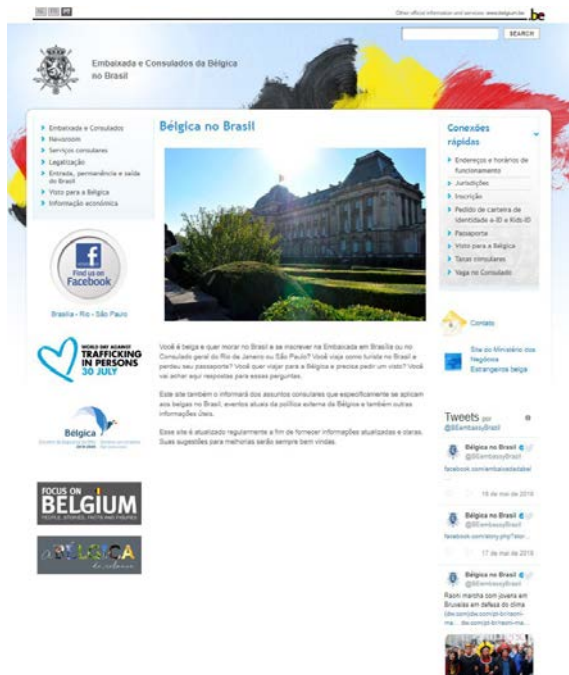
Figura 2 Site oficial da Embaixada da Alemanha



Disponível em: <https://brasil.diplo.de/br-pt/assuntos/kultur>

Bélgica:

Figura 3 Site oficial da embaixada da Bélgica



Disponível em: <https://brazil.diplomatie.belgium.be/pt-br>

França:

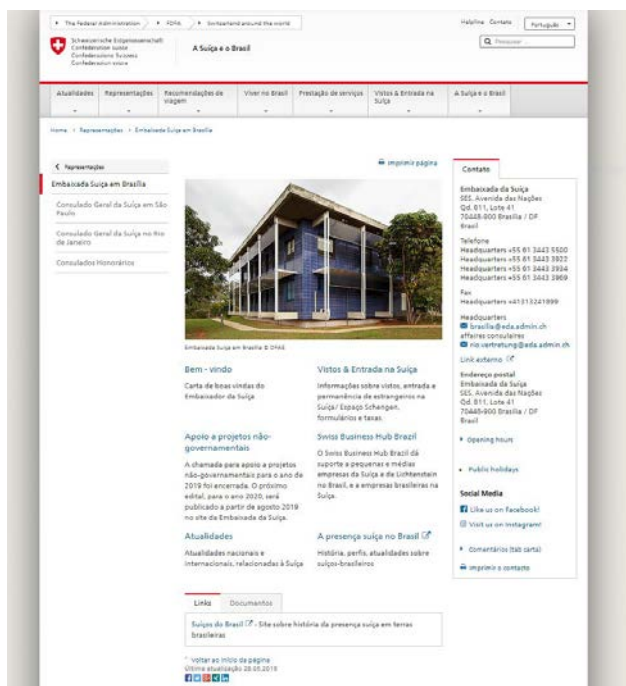
Figura 4 Site oficial da Aliança Francesa de Brasília



Disponível em: <https://www.afbrasil.org.br/>

Suíça:

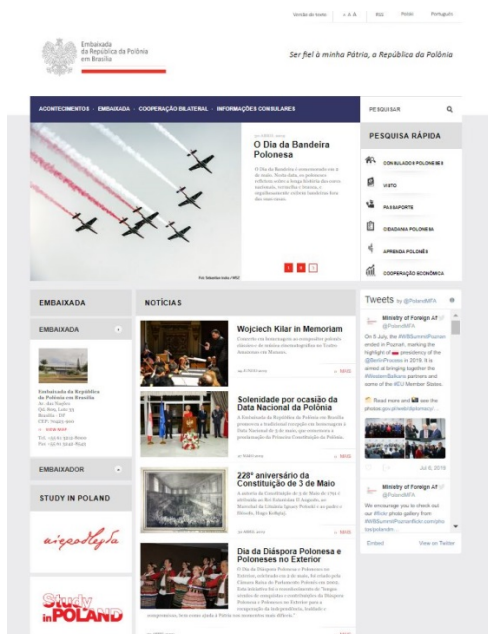
Figura 5 Site oficial da embaixada da Suíça



Disponível em: <https://www.eda.admin.ch/countries/brazil/pt/home/representacoes/embaixada-brasil.html/contacts/fr/EDAVis/B/asilia>

Polônia:

Figura 6 Site oficial da embaixada da Polônia em Brasília



Disponível em: <https://brasilia.msz.gov.pl/pt/>

Para alcançar as informações pretendidas e guiar a entrevista, foram propostas algumas perguntas:

1 – Para V.Ex.^a, o que é *Soft Power*? Como V.Ex.^a definiria *Soft Power*?

2 – Como seu país desenvolve o *Soft Power* (diplomacia de influência) – No âmbito acadêmico (no sentido de atrair pessoas para estudar em seu país; estimular pesquisas em sua língua materna; desenvolvimento de pesquisas e elaboração de trabalhos em seu idioma) -? Quais são os projetos e quais são os produtos decorrentes dessa prática (*Soft Power*)?

3 – Quais as vantagens em receber alunos/pesquisadores estrangeiros em seu Estado? Seu país incentiva e propõe a ida de seus discentes para outros países? Se sim, quais as vantagens para seu Estado quando esse aluno retorna?

4 – V.Ex.^a acha que isso tem uma rentabilidade para seu país a curto/médio/ ou longo prazo?

5 – Quais são os principais atributos/vantagens que seu país oferece para atrair os discentes? O que os estudantes/pesquisadores devem levar em conta na escolha por seu país?

6 – O que é mais eficaz para atrair os estudantes/pesquisadores brasileiros? O que os brasileiros levam em conta para escolher seu país?

7 – Essa política de atrair estudantes/pesquisadores estrangeiros está ligada ao conceito de Cidade Global? Em sua opinião, em seu país existe alguma(s) Cidade(s) Global(is)? Por quê? Essa diplomacia de influencia visa a transformar ou reforçar a capacidade dessas cidades em serem Cidades Globais?

3 ANÁLISE DE DADOS

3.1 Análise qualitativa das entrevistas

Como anteriormente relatado neste trabalho, Nye define o *Soft Power* “como a habilidade de conseguir o que se deseja por meio da atração ao invés de por meio

da coerção ou do pagamento, e que esse poder deriva da atratividade da cultura, ideais políticos e política de um país”, e que “sedução sempre é mais efetiva que coerção, e que muitos valores como democracia, direitos humanos e oportunidades individuais são profundamente sedutores” (NYE, 2004), o que está de acordo com o que foi relatado por alguns dos diplomatas durante as entrevistas, ao definirem o *Soft Power*:

França: Soft Power é uma ferramenta, estratégia, uma política definida de um Estado, pensada para dar presença a um país, ficando no cenário mundial, interferir nas decisões mundiais, tendo um impacto sobre mudanças, tendências, ideias de caráter cultural e econômico. É ter influência, é ter participação no debate, é ter reconhecimento e que as ideias promovidas pelo país alcancem um nível de aprovação/aceitação para mudança estratégica do mundo.

Suíça: é a capacidade de um país de influenciar decisões, através de instrumentos que não são coercitivos. O *Soft Power* da Suíça está dividido em 3 dimensões, a primeira é a política. Nós projetamos que *Soft Power* tem muito a ver com imagem, com percepção. A primeira dimensão é todo o nosso sistema político, com temas como democracia, estabilidade política e paz. Temos uma imagem no mundo muito forte. O segundo aspecto é em relação a todos esses valores, que têm mais de 150 anos. Um país precisa de tempo para ter valores reconhecidos, que são valores como trabalho humanitário, pontualidade, honestidade e precisão. E o terceiro aspecto é sobre estar a nível mundial de inovação, de pesquisa e de educação. Temos um sistema na Suíça que é reconhecido.

Uma das características que torna esse conceito importante é que mesmo um país não tenha grande capacidade de recursos materiais (população, território, PIB, forças armadas, etc.), pode ter bons resultados em questões de poder, como é o caso da Suíça, cujo representante afirmou que “(...) a Suíça não possui recursos como matéria prima, não tem acesso ao mar, não tem grande território, tem uma população pequena (...)”.

Mas, que ainda assim,

em nível de *Soft Power* a Suíça está superforte, ano passado tive acesso a uma pesquisa para classificar o *Soft Power* dos países, e a Suíça era classificada em 7, em nível mundial, então esse conceito, *Soft Power*, é interessante para a Suíça.

Como anteriormente sustentado por Mcclory, os intercâmbios acadêmicos são uma parte essencial para o desenvolvimento do *Soft Power* de um país, pois “a habilidade de um país em atrair estudantes [ou acadêmicos], ou facilitar intercâmbios, é uma poderosa ferramenta da diplomacia pública”, (“The Soft Power 30 Report”, 2018) em conformidade com Nye (2004), que identificou que “intercâmbios acadêmicos e científicos têm um importante papel no aprimoramento do *Soft Power* americano”, o que se mostra evidente, diante das afirmações dos representantes dos países entrevistados:

Alemanha: Quando temos pessoas de diferentes países que conjuntamente estejam buscando um objetivo e que trabalham como um time, conseguimos estabelecer relações estáveis com compreensão mútua e um interesse comum de manter as parcerias. No entendimento diplomático isso é muito desejado. Tal fundamento é estável e ajuda a assegurar a paz e ter um desenvolvimento econômico frutífero. A pesquisa é por sua natureza internacional. Alcançar excelência só se consegue através da cooperação científica dos melhores do mundo. Portanto a cooperação científica internacional é um excelente ponto.

Bélgica: Nós na Bélgica temos isso muito desenvolvido, recebemos muita gente. Nossa política está bem focada no programa Erasmus a nível de pesquisa. Também existe um programa semelhante ao Erasmus, mas para trocar pesquisadores, chamado Euraxess, e visa a troca de experiência profissional e fortalecer pesquisar a nível internacional. Para nós são muito importante todos esses programas

França: Isso é realmente um pilar da política educativa universitária francesa, e no exterior também tem uma presença, o *Soft Power* existe também através da presença de organismos de pesquisa, de professores convidados no exterior, em várias áreas de estudo, com grandes centros de pesquisa públicos que também têm parcerias com universidades estrangeiras e montam projetos de cooperação bilaterais ou multilaterais em campos de pesquisas. É uma característica forte da França que acho que não tem equivalentes com outros países, esses centros de pesquisa presentes no exterior, como é o caso do CIRAD e CNRS que são centros de altíssimo nível, que em aspectos científicos contribuem de maneira consequente nas pesquisas

Suíça: Nosso sistema de aprendizagem todo o mundo quer copiar. Somos conscientes de nossas forças e esse tema de educação, inovação, pesquisa, é um pilar forte para nós. Investimos há décadas para o sistema de educação. A única riqueza da Suíça é o conhecimento e isso é um consenso geral, que precisamos investir em educação, em pesquisa, em aprendizagem e graças a esse consenso amplo temos essa força ampla que projeta esse papel no estrangeiro, e isso faz parte do conceito de *Soft Power*, e agora que temos isso, muitos estudantes no mundo estão interessados em colaborar com a Suíça, em estudar na Suíça, e para nós isso é interessante, apesar de sermos um país pequeno, em nível de pesquisa estamos entre os melhores do mundo, não podemos chegar a esse nível somente com cérebros 100% suíços. A ciência, a educação, a pesquisa e intercâmbios, precisam de estímulos, e por isso somos abertos a todos os melhores cérebros que queiram estudar em Suíça. Um aspecto

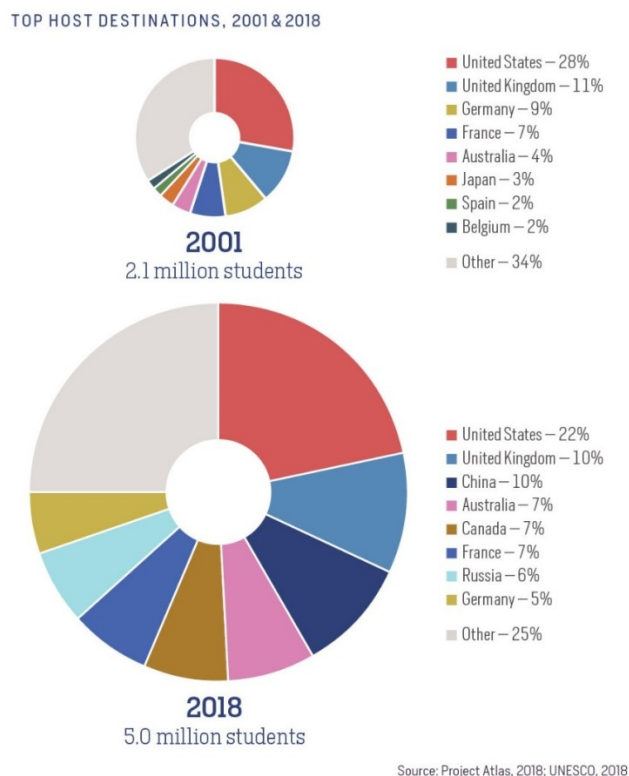
importante para nós é a cooperação internacional, em nível de pesquisa e educação.

Polônia: Temos uma política para atrair. Temos mais de dois milhões de brasileiros de origem polonesa, então temos programas que sejam atrativos para eles. Tentamos despertar o interesse dos descendentes. Oferecemos boas condições, temos boas universidades. Na Polônia “tem”²⁰ boas universidades do Estado, “tem” uma das universidades mais antigas, criada pelos reis. “Tem” programas interessantes, mas ainda é pouco, eles (governantes) gostariam de entregar um produto quase completo, gratuito, mais fácil, e que despertasse ainda mais interesse.

Assim como demonstrado durante o referencial teórico, essas práticas de intercâmbios acadêmicos trazem resultados benéficos para os países em vários níveis, como por exemplo, criando relações de paz entre os países, melhorando a diplomacia entre esses Estados, potencializando a capacidade de participar em decisões globais e aumentando diretamente a influência destes no mundo, como é o caso da China, que passou a investir muito em intercâmbios acadêmicos, tanto para atrair estudantes para seu país, quanto enviando seus alunos e pesquisadores para fora, como pode ser observado no gráfico a seguir. Observa-se que a China não aparecia no gráfico de principais países em intercâmbios em 2001, e em 2018 é o terceiro, o que demonstra claramente a relação existente entre desenvolvimento econômico e intercâmbios estudantis:

²⁰ O verbo “ter” foi utilizado com sentido de “existir”.

Gráfico 1 - Gráfico sobre o aumento e os principais destinos para estudantes em intercâmbios



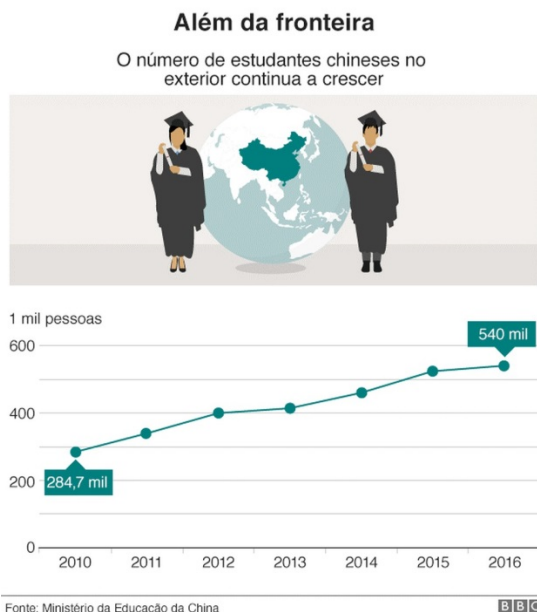
PROJECT ATLAS® is an initiative of the INSTITUTE OF INTERNATIONAL EDUCATION and has been supported by the Ford Foundation, the Bureau of Educational and Cultural Affairs (ECA) of the United States Department of State, IIE, and country partners.

Project Atlas®

Disponível em: <https://www.idp-connect.com/en-us/news/us-international-higher-education/mining-big-data-sources-for-international-student-enrollment-planning/>

O gráfico a seguir demonstra a evolução da participação de estudantes chineses em intercâmbios. Pode-se observar um crescimento significativo. Esses estudantes, que retornam do exterior, agregam conhecimento e experiência à economia do país, pois representam um olhar diferenciado em relação aos profissionais que nunca deixaram o país.

Gráfico 2 - Evolução da quantidade de estudantes chineses no exterior



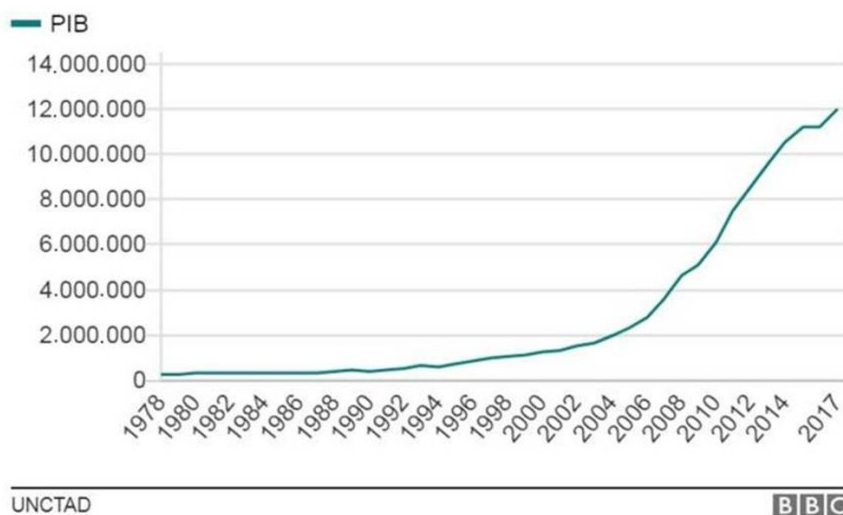
Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2018/12/20/reformas-economicas-graficos-que-mostram-a-transformacao-da-china-em-40-anos.ghtml>

O gráfico a seguir representa a evolução do PIB chinês nas últimas décadas. Observa-se um salto gigantesco a partir dos anos 2000. Pode-se traçar um paralelo entre evoluções de PIB e de quantidade de estudantes em intercâmbios, permitindo afirmar que existe uma relação direta entre as duas crescentes, sendo impossível pensar em tal nível de crescimento sem um correlato investimento em educação internacional.

Gráfico 3 - Evolução do PIB chinês

A evolução do PIB chinês

(Em bilhões de dólares; valores de 2010)



UNCTAD

BBC

Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2018/12/20/reformas-economicas-graficos-que-mostram-a-transformacao-da-china-em-40-anos.ghtml>

Os representantes dos países entrevistados também dão grande importância ao intercambiamento de estudantes, cientistas e profissionais, reconhecendo os diversos benefícios, tanto para os estudantes que realizam os intercâmbios quanto para os países envolvidos, como destacado pelos diplomatas:

Alemanha: Além dos resultados da pesquisa aproveitamos das parcerias e das redes (networks) que surgem.

Bélgica: Acho que é essencial para pesquisadores não se centrar só no conhecimento da Bélgica nas áreas de especialidades daqui. Estar aberto ao mundo inteiro, receber pesquisadores, por exemplo, brasileiros, é essencial, primeiro porque temos pontos de vistas diferentes, e é importante conhecer pontos de vistas de fora, com uma realidade completamente diferente, e isso enriquece muito os pesquisadores belgas, conhecer outros ambientes. Com as trocas, as duas partes ganham conhecimento, pois cada uma delas pode ser especialista em alguma coisa. Graças a essas trocas de experiências, de pesquisas comuns, se podem desenvolver uma rede internacional, onde se cria *networks* com pesquisadores de outros lugares.

França: Existe uma competição internacional entre os países, não se pode negar que cada país tenta existir, manter presença, manter sua influência, a nível econômico, e a França é uma potência mundial devido a uma economia inovadora devido a acordos com outros países, devido a uma integração econômica europeia, e a realidade é que segue sendo um dos destinos preferidos dos estudantes estrangeiros, pela qualidade do ensino e que segue sendo um país parceiro em muitos campos de pesquisa no exterior, a França faz parte dos primeiros países parceiros em diferentes

campos de desenvolvimento, como engenharia, economia, ciências humanas. A França está ligada a muitos projetos, para acompanhar políticas públicas.

Suíça: A única riqueza da Suíça é o conhecimento e isso é um consenso geral, que precisamos investir em educação, em pesquisa, em aprendizagem e graças a esse consenso amplo temos essa força ampla que projeta esse papel no estrangeiro, e isso faz parte do conceito de *Soft Power*, e agora que temos isso, muitos estudantes no mundo estão interessados em colaborar com a Suíça, em estudar na Suíça, e para nós isso é interessante, apesar de sermos um país pequeno, em nível de pesquisa estamos entre os melhores do mundo. Não podemos chegar a esse nível somente com cérebros 100% suíços. E essa ciência depois se transforma em produtos econômicos, porque temos mecanismos de financiamento para transformar a pesquisa em sucessos comerciais, e isso cria um meio ambiente de inovação, de bons resultados econômicos. Tudo isso contribui para criar uma praça científica forte na suíça com uma imagem forte e com credibilidade no estrangeiro.

Polônia: hoje com a tecnologia, e o produto final dessa junção pode ser uma tecnologia nova. Desafios globais requerem medidas globais, tais como mudanças climáticas. Nós achamos que sempre a própria experiência da vida em outro país com abertura para outras pessoas, religiões, mentalidade sempre enriquece os cidadãos, tornando-os mais maduros, com conhecimentos dos outros países, e isso por si só é uma vantagem. O valor humano gera um enriquecimento mútuo, em termos culturais, há uma disseminação da cultura, das tradições, da gastronomia, você começa a olhar o mundo de uma outra maneira.

É importante observar os aspectos que esses líderes afirmam como sendo primordiais para atrair esses discentes e o que seus países têm para oferecer e, assim, ter influência sobre os estudantes para que estes escolham seus Estados como destino:

Alemanha: A Alemanha oferece aos estudantes um ambiente multicultural, com mais de 300.000 estudantes estrangeiros. É um país seguro e tem uma vida cultural rica. O sistema alemão de ensino superior tem uma excelente reputação. Um diferencial é a união do ensino e a pesquisa. Na Alemanha os estudantes podem escolher entre 19.000 cursos de graduação e 9.000 cursos de mestrado, em que mais de 90% das vagas são em instituições públicas, geralmente gratuitas. Outro fator relevante é que o custo de vida é relativamente baixo, em comparação a outros países europeus.

Bélgica: Acho que a Bélgica é bem interessante, primeiro porque está no centro da Europa, e de lá se pode ir para outros países facilmente, é fácil ir em conferências, dar palestras em outros países, de Portugal a Polônia. A qualidade das universidades atrai os estudantes, por serem de alto nível e bastante internacionalizadas. E também devido ao acolhimento, que as universidades facilitam, assim o estudante se adapta lá facilmente. E pode ser importante para os estudantes estrangeiros ver como a Bélgica tem bem desenvolvidas as parcerias entre as partes públicas, privadas e acadêmicas. Cada universidade tem um departamento para incentivar essas parcerias.

França: Primeiro é a qualidade acadêmica, porque o estudante vai olhar para a qualidade, corpo docente, porque ninguém vai escolher uma universidade sem ter a certeza do que vai aprender lá, desenvolver lá é de um nível compatível com a expectativa, então no campo acadêmico a França segue sendo um país reconhecido pela qualidade de suas universidades, dos professores, da pesquisa e tem um apoio forte do setor público, com menos preocupações que em outros países com cortes, lá tem mais garantia de que as coisas podem ser desenvolvidas. E também reconhecer que além de ser uma decisão exclusivamente acadêmica, a França é um destino que chama a atenção pelo que oferece como qualidade de vida, pela segurança, pela proteção social, é um país que permite acolher em boas condições famílias, que fornece educação primária de qualidade, é um conjunto de fatores que fazem com que a França seja um país atrativo como destino, porque tem serviços públicos de boa qualidade, meios de transporte bons, então as pessoas veem isso como um ponto muito favorável que ajuda a uma fácil adaptação no país e faz parte do sucesso dos projetos/programas/intercâmbios.

Suíça: nós projetamos que *Soft Power* tem muito a ver com imagem, com percepção. A primeira dimensão do nosso *Soft Power* é todo o nosso sistema político, com temas como democracia, estabilidade política, de paz, temos uma imagem no mundo muito forte. O segundo aspecto é em relação a todos os valores, que são desenvolvidos há mais de 150 anos. Um país precisa de tempo para ter valores reconhecidos, que são valores como trabalho humanitário, pontualidade, honestidade, precisão, valores esses que fazem parte da imagem da Suíça. Temos um sistema na Suíça que é reconhecido. Somos o país com mais prêmios Nobel por capital. Nosso sistema de aprendizagem, todo o mundo quer copiar. Temos mecanismos de financiamento para transformar a pesquisa em sucessos comerciais. Para conseguir tais resultados é importante ter um país aberto. Outro aspecto importante para atrair pesquisadores é a língua de circulação dos cérebros, pois independente da origem da pessoa, do idioma que fala, que ela possa ir para a Suíça e se instalar e fazer sua pesquisa. Temos um sistema especial para essas pessoas. O que temos agora é uma rede de pesquisadores de todos os países, que têm uma relação forte com a Suíça, e então trabalhamos com eles, o que fazemos também é abrir umas "Embaixadas Científicas", chamadas Swissnex, e sua função é promover não a ciência suíça, e sim os intercâmbios entre a ciência suíça e a brasileira, com estratégias, e eles organizam workshops, isso é uma coisa que fazemos para projetar nosso sistema no mundo.

Polônia: Acho que os governos poloneses chegaram à conclusão que para o desenvolvimento da ciência, ela precisa ser ligada com a indústria do país, e foram criados vários incentivos à ciência e estando ligada à indústria para favorecer a ciência.

Devido às vantagens apresentadas, tanto pelos representantes dos países entrevistados quanto o que foi mostrado no referencial teórico deste trabalho, os países buscam cada vez mais investir em intercâmbios de estudantes/pesquisadores, o que gera um maior número desses discentes e profissionais no exterior, como pode ser observado no gráfico a seguir, que mostra que a quantidade de estudantes que participam de intercâmbios acadêmicos cresce a cada ano:

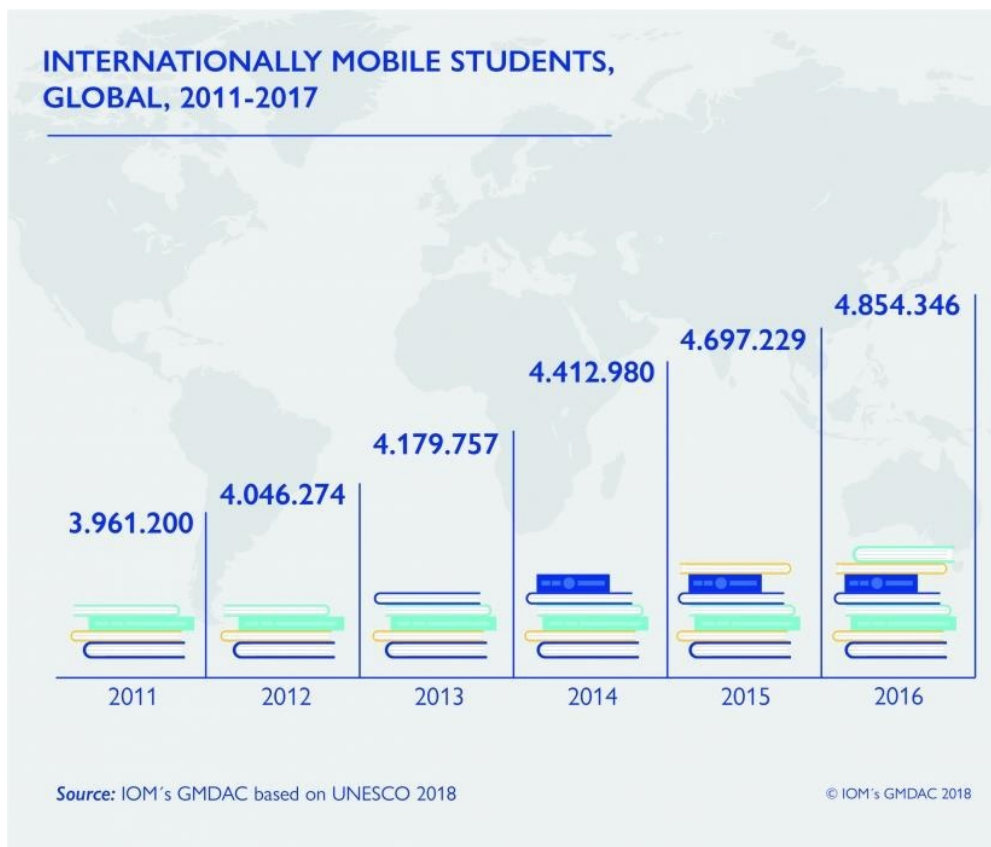


Gráfico 4 - Gráfico sobre a crescente de alunos que fazem intercâmbios acadêmicos

É importante mostrar em que posição no *Ranking de Soft Power* os países entrevistados estão, em geral e no tópico educacional do trabalho desenvolvido por Mcclory. Na avaliação geral, a França tem a melhor avaliação dentre esses países, estando em segundo lugar, seguida pela Alemanha, que está em terceiro. Em sequência vem a Suíça, em sétimo lugar, após, vem a Bélgica, em décimo sexto, e por fim, a Polônia, em vigésimo quarto. No subíndice da educação, o *Ranking* desses países entrevistados está organizado, da seguinte maneira: Alemanha, em segundo lugar, França em quinto, Bélgica em oitavo, Suíça em décimo quarto e Polônia em vigésimo segundo lugar, dentre todos os países do mundo (o ranking mostra apenas os 30 primeiros). Além disso, outro fator importante é que todos esses países entrevistados subiram nessa avaliação do ano passado para este, comprovando, assim, que seus projetos e ações estão sendo reconhecidos.

Em virtude de tudo o que foi apresentado, tanto no referencial teórico quanto ao que foi afirmado pelos representantes dos países entrevistados, pode-se afirmar que a prática e o estímulo aos intercâmbios acadêmicos são extremamente

importantes para potencializar o *Soft Power* de um país, uma vez que este tem resultados consideráveis em questões de aceitabilidade, afinidade, diplomacia, *networks* e mesmo em aspectos financeiros, proporcionando, assim, uma posição privilegiada dos países que o utilizam em decisões globais.

3.2 Argumentação dos diplomatas quanto ao Soft Power e Cidade Global

Além dessas correlações com o que foi demonstrado pela revista estadunidense, durante as entrevistas realizadas com os representantes dos países tratados neste trabalho, também foi perguntado aos representantes desses países se há um possível vínculo entre *Soft Power* e Cidade Global, e ainda se eles acham que seu país possui alguma Cidade Global, por meio da seguinte pergunta:

Essa política de atrair estudantes/pesquisadores estrangeiros está ligada ao conceito de Cidade Global? Em sua opinião, em seu país existe alguma Cidade Global? Por quê? Essa política de diplomacia de influência visa a transformar ou reforçar a capacidade dessas em serem Cidades Globais?

A partir disso, surgiram as seguintes respostas:

Alemanha: na Alemanha temos poucas cidades que chegam a ter milhões de habitantes. Exceções são Berlim, Hamburgo, Munique e Colônia. Cidades menores não chamam muita atenção nesse sentido. Apesar de serem atraídos para lá, não é possível mudar a imagem da cidade.

Bélgica: Bruxelas é uma Cidade Global porque é a segunda cidade com mais diplomatas, depois de Washington. Há uma grande troca de profissionais, pesquisadores e estudantes. O porto de Amberes tem uma movimentação econômica muito grande, acho que toda a Bélgica é global, tudo é bem conectado, e tem todos esses aspectos das Cidade Global. Todas as universidades da Bélgica têm muito movimento internacional, nos dois sentidos, e todas essas cidades tem esses requisitos, apesar de não serem tão grandes e populosas.

França: de acordo com esses critérios, conceitos de uma Cidade Global, temos cidade que se encaixam perfeitamente nessas tendências, no mundo de hoje, temos a participação dos cidadãos para ter uma cidade com uma vida cultural rica, dinâmica, de romper barreiras que possam existir na mesma população, evitar guetos, facilitar conexões, troca de conhecimento, integração das universidades. As cidades francesas estão indo nesse sentido, então a nível internacional, com certeza vai reforçar. Estamos tentando ter um desenvolvimento totalmente sustentável, de prática, de consumo, de mobilidade, de trabalho, que sejam respeitosos ao meio ambiente, e uma CG deve tomar em consideração a escassez de recursos e a necessidade de ter uma maneira de produzir e consumir energia. Como

Nova Iorque ou Londres, com essa capacidade de desenvolver projetos inovadores, mas há também outras cidades com uma força econômica, que são centros culturais fortes. Existe uma descentralização bastante avançada na França e isso faz com que as cidades menores sejam superavançadas. Então, cidades como Toulouse, Nantes, que têm ainda menos problemas que cidades maiores como Paris, pelo tamanho, pela população, e algumas medidas são mais fáceis de implementar em cidades menores que em outras maiores.

Polônia: Sim. Varsóvia atrai capital, é vibrante. Tem a capacidade de receber gente do mundo inteiro, além dessa cidade, Cracóvia, Gdańsk também poderiam ser consideradas Cidade Globais.

Depreende-se dos trechos transcritos das entrevistas e das análises feitas a partir das definições e explicações dadas pelos autores, no que se refere aos aspectos que são utilizados para avaliar a capacidade de uma cidade em ser global, que investimentos em intercâmbios acadêmicos podem sim atuar para aumentar ou reforçar a capacidade de uma cidade em ser uma Cidade Global, porém isso não é a regra, pois, como registrado pelo representante da Alemanha, somente essas práticas de troca de estudantes não podem influenciar em uma cidade a esse ponto de mudar sua imagem.

4 CONCLUSÃO

Diante do exposto durante todo este trabalho, fica evidente que a prática de intercâmbios acadêmicos tem plena capacidade de gerar benefícios para os agentes envolvidos, permitindo que os países consigam desenvolver uma diplomacia por meio do *Soft Power* e possibilitando que um Estado tenha a influência almejada no mundo e alcance seus objetivos de maneira mais fácil.

Ao longo das pesquisas e entrevistas realizadas com o corpo diplomático envolvido neste trabalho, ficou claro que os países buscam aumentar seu poder e sua influência através da educação, investindo para que seus países estejam cada vez mais em evidencia a fim de atrair a atenção dos estudantes estrangeiros para continuar seus estudos e desenvolver pesquisas nesses lugares, além de propiciar que os estudantes de seus países possam ir para outros e tenham conhecimento e capacidade para ajudar seu Estado natal ao retornarem. Em decorrência dessa prática, a ciência apresenta ganhos consideráveis, uma vez que projetos são desenvolvidos por meio de uma cooperação internacional, com competências de pessoas que possuem diversas capacidades e conhecimentos.

Como prova da importância e dos resultados que esses fluxos de discentes proporcionam, pode ser observado o caso da China, que, como já mostrado, aumentou significativamente a quantidade de estudantes estrangeiros em seu território, além de enviar seus alunos e pesquisadores para o exterior, o que resultou num grande avanço econômico e tecnológico para o país, que hoje é referência.

Outro bom exemplo são os Estados Unidos, que seguem sendo o país que mais proporciona intercâmbios acadêmicos, tendo sozinho mais que a quantidade dos dois segundos colocados juntos no que se refere aos fluxos intercambiais. O que possui uma relação direta com a economia e com o desenvolvimento desse país.

Devido aos avanços associados ao intercâmbio de conhecimento, muitos países têm cada vez mais interesse em enviar seus discentes para o exterior e atrair alunos de fora, o que está causando um crescimento contínuo no número de estudantes que participam desses programas.

O mundo globalizado desenvolveu-se de forma acelerada nas últimas décadas, o que exigiu dos países adaptação constante. Atualmente é necessário

que os países estabeleçam intercâmbio de informação, pessoas, matéria-prima etc., para acompanhar o desenvolvimento global. Isso gera impacto nas políticas internacionais, afetando inclusive a dinâmica das cidades, que passam a ter grande importância na economia do mundo e nas decisões globais.

A partir dos benefícios dos intercâmbios de discentes, pode-se fazer uma correlação entre essas práticas e o desenvolvimento das cidades onde essas trocas acontecem, interferindo em questões como a atividade econômica desse lugar, o capital humano, as trocas de informação, a experiência cultural e fomentando o engajamento político, requisitos esses pertencentes à noção de Cidade Global. Com isso, pode-se inferir que o investimento em programas de intercâmbio, além promover um aumento significativo no *Soft Power* de um país, pode, ainda, promover o desenvolvimento de determinada cidade, podendo fazer com que esta cidade aumente ou reforce sua capacidade, tornando-se uma Cidade Global, o que possui vantagens para essa região, como o desenvolvimento econômico, maior capacidade cultural e uma grande troca de informações.

Portanto, diante de todas essas evidências, é imprescindível que os países, independentemente de sua localização e situação financeira, realizem investimentos em intercâmbios de estudantes e outras práticas relacionadas ao *Soft Power*, somente assim conseguirão manter um adequado nível de avanços econômicos, culturais e diplomáticos.

5 ANEXO 1

Para V.Ex.^a, o que é Soft-Power? Como V.Ex.^a. definiria Soft-Power?

Como seu país desenvolve o Soft-Power (diplomacia de influência) – No âmbito acadêmico (no sentido de atrair pessoas para estudar em seu país; estimular pesquisas em sua língua materna; desenvolvimento de pesquisas e elaboração de trabalhos em seu idioma) -? Quais são os projetos e quais são os produtos decorrentes dessa política (Soft-Power)? Quais as vantagens em receber alunos/pesquisadores estrangeiros em seu Estado? Seu país incentiva e propõe a ida de seus discentes para outros países? Se sim, quais as vantagens para seu Estado quando esse aluno retorna?

V.Ex.^a. acha que isso tem uma rentabilidade para seu país a curto/médio/ ou longo prazo?

Quais são os principais atributos/vantagens que seu país oferece para atrair os discentes? O que os estudantes/pesquisadores devem levar em conta na escolha por seu país?

O que é mais eficaz para atrair os estudantes/pesquisadores brasileiros? O que os brasileiros levam em conta para escolher seu país?

Essa política de atrair estudantes/pesquisadores estrangeiros está ligada ao conceito de Cidade Global? Em sua opinião, em seu país existe alguma(s) Cidade (s) Global (is)? Por quê? Essa política de diplomacia de influência visa a transformar ou reforçar a capacidade dessas cidades em serem Cidades Globais?

V.Ex.^a. tem o levantamento de quantos estudantes estrangeiros seu país recebe e quantos envia a outros Estados anualmente?

6 ANEXO 2 - TRANSCRIÇÕES

Nesta seção estão presentes as transcrições integrais das respostas das entrevistas que sofreram pequenas alterações, porém sem o intuito de mudar o sentido do conteúdo, para se ajustar ao padrão culto escrito e devido a algumas construções usadas pelos representantes dos países, que, por não serem brasileiros e não falarem muito bem a língua portuguesa, às vezes não se expressam muito claramente, devendo-se, assim, ajustar esse texto para que fique mais claro.

Na entrevista com o representante da Alemanha, não foi possível gravar o conteúdo do encontro pois é proibido entrar com qualquer dispositivo eletrônico na embaixada, porém esse Ministro Conselheiro cedeu o documento que ele usou para responder às perguntas e que, por esse motivo, será anexado como imagem.

6.1 Questionário

1 - Para V.Exa., o que é *Soft Power*? Como V.Exa. definiria *Soft Power*?

Alemanha: O termo *Soft Power* ou *Science diplomacy* quer dizer usar a cooperação internacional de ciência e pesquisa para encontrar soluções para os desafios conjuntos e estabelecer parcerias estáveis. Dessa forma, a cooperação científica é usada como instrumento da diplomacia.

Bélgica: Para mim são todas as coisas que têm formação universitária. É tudo o que se pode desenvolver para ser um bom profissional, as aptidões de adaptação, são as aptidões de comunicação, de adaptação à mudança. E se pode conseguir isso de várias maneiras diferentes, mas acho que as trocas de experiência entre culturas são bem importantes para conseguir isso. Hoje, no mundo global onde moramos, acho muito importante desenvolver isso. São técnicas para fazer um trabalho.

França:

Soft Power é uma ferramenta, estratégia, uma política definida, de um Estado, pensada para dar presença, ficando no cenário mundial, para interferir nas decisões mundiais, tendo um impacto sobre mudanças, tendências e ideias de caráter cultural, econômico. É ter influência, é ter participação no debate, é ter reconhecimento, e que as ideias promovidas pelo país alcancem um nível de aprovação/aceitação para mudança estratégica do mundo.

Suíça:

O *Soft Power* é um conceito bastante interessante, sobretudo para Suíça. É a capacidade de um país de influenciar decisões, através de instrumentos que não são coercitivos.

Polônia:

Soft Power é uma preciosidade que um país sabe usar a seu favor apesar da existência de alguns fatores negativos. Ele joga com esse seu poder e diminui, tenta diminuir as coisas que não são boas. Na Polônia o *Soft Power* é a nossa cultura, é o que nos “diverge”, isso que nos ajudou a preservar a nossa identidade. É a nossa língua.

2 - Como seu país desenvolve o *Soft Power* (diplomacia de influência) – No âmbito acadêmico (no sentido de atrair pessoas para estudar em seu país; estimular pesquisas em sua língua materna; desenvolvimento de pesquisas e elaboração de trabalhos em seu idioma) -? Quais são os projetos e quais são os produtos decorrentes dessa política (*Soft Power*)?

Alemanha: Cooperação internacional já tem um valor. Quando temos pessoas de diferentes países que conjuntamente estejam buscando um objetivo e que trabalham como um time, conseguimos estabelecer relações estáveis com compreensão mútua e um interesse comum de manter as parcerias. No entendimento diplomático isso é muito desejado. Tal fundamento estável ajuda a assegurar a paz e ter um desenvolvimento econômico frutífero. A pesquisa é por sua natureza internacional. Alcançar excelência só se consegue através da cooperação dos melhores do mundo. Portanto a cooperação científica internacional é um excelente ponto. Não só para a solução dos grandes desafios globais, como mudanças climáticas, mas em todos os ramos que fortalecem a compreensão de ambos os lados.

Por esse motivo, promovemos na cooperação internacional e bilateral os projetos de pesquisa e desenvolvimento, como também, a mobilidade de estudantes, pós-docs e pesquisadores. Além dos resultados da pesquisa aproveitamos das parcerias e das redes que surgem.

Bélgica: Como todos os países da União Europeia, participamos do programa *Erasmus*, que foi implementado no fim dos anos 80/85 e é uma das melhores coisas da União Europeia. Isso permitiu criar uma geração de europeus. Nós, na Bélgica, temos isso muito desenvolvido, recebemos muita gente. Nossa política está bem focada no programa *Erasmus* a nível de pesquisa. Também existe um programa semelhante ao *Erasmus*, mas para trocar pesquisadores, chamado *Euraxess*, que visa a troca de experiência profissional e fortalecer a pesquisa a nível internacional, para nós são muito importantes todos esses programas. Não temos uma política tão forte como a França, que tem a Aliança Francesa que está no mundo inteiro, não temos toda essa infraestrutura, mas temos uma diferença, a Bélgica está dividida em comunidades e regiões e o ensino é uma competência das comunidades linguísticas,

mas a ciência, por exemplo, é uma competência das regiões, que é diferente. As políticas acadêmicas, deste *Soft Power* para atrair estudantes de fora da Bélgica ou para atrair pesquisas ou para propor pesquisas com outros países são definidas pelas regiões, não sendo uma política nacional, mas regional, definida pelas comunidades linguísticas. Na Bélgica é um pouco mais complexo que um país como a França que tem tudo mais centralizado e pode então desenvolver políticas no mundo inteiro e chegar com a marca França para pesquisas, cooperação, intercâmbios de estudantes. Existem políticas de intercâmbios, mas também cada universidade tem uma certa autonomia e desenvolve seus programas de intercâmbio com as universidades, tanto para pesquisas quanto para estudantes e mesmo aqui no Brasil, as embaixadas estão espalhadas pelas regiões, tendo uma em São Paulo e outra em Belo Horizonte, e em São Paulo tem uma equipe de cada região que trabalha na área tecnológica para promover a Bélgica, como parceiro potencial, com universidades no Brasil.

França: Historicamente a França é um país que atrai estudantes estrangeiros do nível superior. É algo bem antigo, de receber intelectuais, acadêmicos, ainda hoje é um dos países que mais recebem estudantes nas universidades e centros de pesquisa. É uma política voluntária, pois a educação superior na França é de qualidade, é pública, principalmente, e isso requer um esforço financeiro/orçamentário grande, então investir em educação é uma aposta política. Atualmente há uma medida, lei para incrementar o valor da inscrição do mestrado/doutorado, até agora o estudante estrangeiro paga o mesmo valor que um estudante francês, que é cerca de 350/400 euros para fazer um mestrado/doutorado, porque o Estado assume quase a totalidade do custo. Então isso é realmente um pilar da política educativa universitária francesa, e no exterior também tem uma presença, o *Soft Power* existe também através da presença de organismos de pesquisa, de professores convidados no exterior, em várias áreas de estudo, com grandes centros de pesquisa públicos que também têm parcerias com universidades estrangeiras e montam projetos de cooperação bilaterais ou multilaterais em campos de pesquisas. É uma característica forte da França que acho que não tem equivalentes com outros países, esses centros de pesquisa presentes no exterior, como é o caso do CIRAD e CNRS que são centros de altíssimo nível, que em aspectos científicos contribuem de maneira consequente nas pesquisas.

Suíça: O interessante é que a Suíça tem 3 dimensões de poder, militar; econômico, que é a capacidade de vender, de integração a níveis globais, que é bastante forte; e a terceira dimensão é o *Soft Power*. A nível de *Soft Power* a Suíça está superforte, ano passado tive acesso a uma pesquisa que classifica os países, e a Suíça era classificada em sétimo, em nível mundial, então esse conceito, *Soft Power*, é interessante para a Suíça. O *Soft Power* da Suíça está dividido em 3 dimensões, a primeira é a política, nós projetamos que *Soft Power* tem muito a ver com imagem, com percepção. A primeira dimensão é todo o nosso sistema político, com temas como democracia, estabilidade política, de paz, temos uma imagem no mundo muito forte. O segundo aspecto é em relação a todos os valores, que tem mais de 150 anos. Um país precisa de tempo para

ter valores reconhecidos, que são valores como trabalho humanitário, pontualidade, honestidade, precisão. E o terceiro aspecto é sobre estar a nível mundial de inovação, de pesquisa e de educação. Temos um sistema na Suíça que é reconhecido. Somos o país com mais prêmios Nobel por capital. Nosso sistema de aprendizagem todo o mundo quer copiar. Temos esse *Soft Power* porque temos essa imagem no mundo, então muita gente se interessa em estudar na Suíça, fazer intercâmbios porque temos essa força de atração, e essa força de atração é um indicador de *Soft Power*. Somos conscientes de nossas forças e esse tema de educação, inovação, pesquisa, é um pilar forte para nós, mas isso precisa de uma atenção constante e precisa de um consenso social, para ter bom desempenho na imagem. A população tem noção que essa imagem é importante. Investimos há décadas para o sistema de educação e isso foi um consenso político, porque a Suíça não possui recursos como matéria-prima, não tem acesso ao mar, não tem grande território, tem uma população pequena, a única riqueza da Suíça é o conhecimento e isso é um consenso geral, que precisamos investir em educação, em pesquisa, em aprendizagem e graças a esse consenso amplo temos uma força ampla que projeta esse papel no estrangeiro, e isso faz parte do conceito de *Soft Power*, e agora que temos isso, muitos estudantes no mundo estão interessados em colaborar com a Suíça, em estudar na Suíça, e para nós isso é interessante, apesar de sermos um país pequeno, em nível de pesquisa estamos entre os melhores do mundo, não podemos chegar a esse nível somente com cérebros 100% suíços. A ciência, a educação, a pesquisa e intercâmbios, precisam de estímulos, e por isso somos abertos a todos os melhores cérebros que queiram estudar em Suíça. Um aspecto importante para nós é a cooperação internacional a nível de pesquisa e educação. Metade dos professores lá não são de lá, porque nosso objetivo é ter os melhores professores e pesquisadores possíveis, então nem todos são suíços, então protecionismo não funciona. Temos currículos em inglês, em nossas escolas, que não é um idioma da Suíça, mas isso possibilita atrair os melhores estudantes possíveis, e tudo isso cria um meio ambiente onde tem estímulos de intercâmbios de ideias e internacionalização de pesquisa. Fazemos todos os anos pesquisas no mundo inteiro sobre a imagem da Suíça, para o governo, que não são divulgadas. E a partir delas, mostrar que temos mais coisas para oferecer além dos estereótipos

Polônia: Temos uma política para atrair. Temos mais de dois milhões de descendentes brasileiros, então temos programas que sejam atrativos para eles. Tentamos despertar o interesse dos descendentes. Não só dos descendentes, mas de todos que queiram estudar lá. Oferecemos boas condições, temos boas universidades, mas a língua é uma barreira. Na Polônia temos boas universidades do Estado, tem uma das universidades mais antigas, criada pelos reis. Tem programas interessantes, mas ainda é pouco, eles (governantes) gostariam de entregar um produto quase completo, gratuito, mais fácil e que despertasse ainda mais interesse.

3 - Quais as vantagens em receber alunos/pesquisadores estrangeiros em seu Estado? Seu país incentiva e propõe a ida de seus discentes para outros países? Se sim, quais as vantagens para seu Estado quando esse aluno retorna?

Bélgica: Acho que é essencial para pesquisadores não se centrar só no conhecimento da Bélgica nas áreas de especialidades daqui. Estar aberto ao mundo inteiro, receber pesquisadores, por exemplo, brasileiros, é essencial, primeiro porque temos pontos de vistas diferentes, e é importante conhecer pontos de vistas de fora, com uma realidade completamente diferente, e isso enriquece muito para os pesquisadores belgas, conhecer outros ambientes. Com as trocas, as duas partes ganham conhecimento, pois cada uma delas pode ser especialista em alguma coisa.

Suíça: Temos um incentivo para mandar estudantes, participamos sim, mas temos mais interesse em receber alunos, mas também mandamos, participamos do *Erasmus*. Mas o mais importante é a livre circulação dos cérebros. Não podemos fazer boa ciência ficando todos em casa. O estudante vai voltar e trazer uma coisa para ciência da Suíça.

Polônia: Sim, nós incentivamos, nós participamos de alguns programas que são muito conhecidos, *Erasmus*. Dessa forma se pode ver o ponto de vista de outros, somos totalmente a favor. Acho que o Brasil deveria ter mais disso, já que a ciência sem fronteiras acabou, pois foi um projeto bem pensado, mas o governo brasileiro achou que não valia a pena. Mas isso favorece todo o mundo. Nós achamos que sempre a própria experiência da vida em outro país com abertura para outras pessoas, religiões, mentalidade sempre enriquece seus cidadãos tornando-os mais maduros, com conhecimentos dos outros países, e isso por si só é uma vantagem. Ter uma sociedade mais aberta ao mundo, que preserva suas raízes, mas que não tem medo do mundo, medo de enfrentar os desafios, então é só qualidade (vantagem).

4 - V. Exa. acha que isso tem uma rentabilidade para seu país a curto, médio ou longo prazo?

Alemanha: No curto prazo através do êxito dos projetos e do intercambio, e no médio e longo prazo através das parcerias e redes, e seu impacto na estabilidade.

Bélgica: A curto prazo se tem benefícios, mas a longo prazo é primordial, porque para ser um bom pesquisador, para realizar estudos, trabalhos completos, deve-se trabalhar em uma rede internacional. Graças a essas trocas de experiências, de pesquisas comuns se pode desenvolver uma rede internacional, onde se cria networks com pesquisadores de outros lugares

França: Acho que a curto não tem nada, porque são projetos que precisam de continuidade, não têm um resultado imediato, investir em educação, pesquisa, não é algo para ter resultado imediato, tem

projetos que levam anos para serem desenvolvidos. Investimento em educação e pesquisa é um investimento a médio e longo prazo. Há também uma dificuldade, com recursos, e pelo tempo, que às vezes duram 20 ou 30 anos para alcançar, e depende dos governos, que trocam muito durante esse tempo, e não mudar as políticas de governo. É um desafio poder manter essa ambição, essa projeção, esse investimento com as situações políticas menos estáveis.

Polônia: Acho que a curto prazo beneficia mais as pessoas que participaram, mas a médio e longo prazo pode beneficiar o projeto e o país, acho que existe um enriquecimento tanto a curto e médio prazo, e a longo a pessoa se torna mais preparada para a vida, que sabe enfrentar os problemas, e com isso se tem uma visão mais ampla.

5 - Quais são os principais atributos/vantagens que seu país oferece para atrair os discentes? O que os estudantes/pesquisadores devem levar em conta na escolha por seu país?

Alemanha: A Alemanha oferece aos estudantes um ambiente multicultural com mais 300.000 estudantes estrangeiros (>12%). É um país seguro e tem uma vida cultural rica. O sistema de ensino superior alemão tem uma excelente reputação. Um diferencial é a união do ensino e da pesquisa. Na Alemanha os estudantes podem escolher entre 19.000 cursos de graduação e 9.000 cursos de mestrado. Mais de 90% das vagas são oferecidas em instituições públicas e a maioria não cobra mensalidades. A Alemanha tem 106 universidades e universidades técnicas, 241 universidades de ciências aplicadas e 53 escolas de música e arte. Outro fator relevante é que o custo de vida, comparado com outros países europeus é relativamente baixo.

Bélgica: Acho que a Bélgica é bem interessante, primeiro porque está no centro da Europa, e de lá se pode ir para outros países facilmente, é fácil ir a conferências, dar palestras em outros países, de Portugal a Polônia. A qualidade das universidades, por serem de alto nível e são bastante internacionalizadas. O acolhimento, pois as universidades facilitam o estudante a se adaptar lá. E pode ser importante para os estudantes estrangeiros ver como a Bélgica têm bem desenvolvidas as parcerias entre as partes pública, privada e acadêmica. Cada universidade tem um departamento para incentivar essas parcerias, e é interessante, pois isso não acontece no mundo inteiro.

França: O primeiro é a qualidade acadêmica, porque o estudante vai olhar para a qualidade, corpo docente, porque ninguém vai escolher uma universidade sem ter a certeza de que o vai aprender lá, desenvolver lá, é de um nível compatível com a expectativa, então no campo acadêmico a França segue sendo um país reconhecido pela qualidade de suas universidades, dos professores, da pesquisa e tem um apoio forte do setor público, com menos preocupações que em outros países com cortes, lá tem mais garantia de que as coisas podem ser desenvolvidas. E também reconhecer que além de ser uma decisão exclusivamente acadêmica, a França é um destino que chama a atenção pelo que oferece como qualidade de vida, pela

segurança, pela proteção social, é um país que permite acolher em boas condições famílias, que fornece educação primária de qualidade, é um conjunto de fatores que fazem com que a França seja um país atrativo como destino, porque tem serviços públicos de boa qualidade, meios de transporte bons, então as pessoas veem isso como um ponto muito favorável que ajuda uma fácil adaptação no país e faz parte do sucesso dos projetos/programas/intercâmbios.

Suíça: Nosso sistema de aprendizagem todo o mundo quer copiar. Temos esse *Soft Power* porque temos essa imagem no mundo, então muita gente se interessa em estudar na Suíça, fazer intercâmbios porque temos essa força de atração, e essa força de atração é um indicador de *Soft Power*.

Polônia: Oferecemos boas condições, temos boas universidades. Nossa Cultura e história também é um diferencial para nosso país. Também somos um país muito acolhedor

6 - O que é mais eficaz para atrair os estudantes/pesquisadores brasileiros? O que os brasileiros levam em conta para escolher seu país?

Bélgica: A língua, pois há a possibilidade de estudar/trabalhar em três línguas o francês, inglês e Holandês. Mas no geral, não tem muita diferença entre os brasileiros e os estudantes dos outros lugares.

França: Há uma tradição bem forte nas ciências sociais entre o Brasil e a França. Principalmente na questão da antropologia, sociologia, etc. há uma tradição histórica de movimento de pesquisadores entre esses países. A língua francesa foi durante muito tempo também a língua de ensino no Brasil, então existe um carinho, uma relação de proximidade entre os brasileiros e língua francesa. Sinto que os brasileiros veem a França como um país interessante, com patrimônio, com gastronomia, com literatura. Vejo que os brasileiros se interessam mais pela França outros países, que olham mais para os EUA.

Polônia: Percebemos muito interesse dos brasileiros em trabalhar com informática na Polônia, há muito mercado lá para isso, e foram aceitos muitos vistos para brasileiros irem para lá. Essa é uma das áreas que eles mais se interessam para ir para lá.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMBURN, B. "The 2008 Global Cities Index", **Foreign Policy**, 2009. Disponível em: <https://foreignpolicy.com/2009/10/06/the-2008-global-cities-index/>. Acesso em: 05/07/2018.

ATKINSON, C. "Does Soft Power Matter? A Comparative Analysis of Student Exchange Programs 1980–2006", **Foreign Policy Analysis**, Volume 6, Issue 1, pags. 1–22 (2010).

DUBBER, J. "How soft power can help meet international challenges". British Council, 2015. Disponível em <https://www.britishcouncil.org/research-policy-insight/insight-articles/how-soft-power-can-help-meet-international-challenges>. Acesso em: 28/06/2019.

HALES, M.; KING, S.; PENA, A. M. "The Urban Elite: The A.T.Kearney Global Cities Index 2010". Disponível em: https://web.archive.org/web/20110706090008/http://www.atkearney.at/content/misc/wrapper.php/id/50369/name/pdf_urban_elite-gci_2010_12894889240b41.pdf. Acesso em: 09/06/2019.

HOLDEN, J. ; TRYHORN, C. "Influence and Attraction, Culture and the race for soft power in the 21st century". British Council, 2010. Disponível em: <https://www.britishcouncil.org/sites/default/files/influence-and-attraction-report-v3.pdf>. Acesso em: 08/07/2019.

MCCLORY, J. "The Soft Power 30: A global ranking of Soft Power". Disponível em: https://softpower30.com/wp-content/uploads/2018/07/The_Soft_Power_30_Report_2015-1.pdf. Acesso em: 07/06/2019.

MORAES, R. de R.; RODRIGUES, U. B. “O conceito de poder em Michel Foucault e Hannah Arendt, como instrumento de definição da categoria território”. **Revista Geonorte**, Edição Especial 3, V.7, N.1, p.197-214, 2013.

NYE, J. S. **Bound to Lead : The Changing Nature of American Power**. New York: Basic Books, 1990.

_____. **Soft Power: the Means to Success in World Politics**. New York: Public Affairs, 2004.

_____. **The paradox of American power: why the world's only superpower can't go it alone**. New York: Oxford University Press, 2002.

_____. “The future of power”. **Bulletin of the American Academy of Arts and Sciences**, vol. Ixiv, no. 3, p. 46 - 52, New York: Public Affairs, 2011.

PETERSON, P. “Ideal para expandir soft power, ensino superior é nova arma diplomática”, 2014. Disponível em: <https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/international-higher-education/ideal-para-expandir-soft-power-ensino-superior-e-nova-arma-diplomatica>. Acesso em: 29/06/2019.

POWELL, C. L. “Statement on International Education Week 2001 Secretary Colin L. Washington”, DC August 7, 2001. Disponível em: <https://2001-2009.state.gov/secretary/former/powell/remarks/2001/4462.htm>. Acesso em 08/07/2019.

RENN. A. “What is a global city?”, 2012. Disponível em: <https://www.newgeography.com/content/003292-what-is-a-global-city>. Acesso em: 04/07/2019.

WEBER, M. apud HERB, K. “Além do bem e do mal: o poder em Maquiavel, Hobbes, Arendt e Foucault” in: **Revista Brasileira de Ciência Política**, no. 10, Brasília,

Jan./Apr.

2013.

Disponível

em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-33522013000100008#back1. Acesso em: 27/06/2019.